



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS

KEITY ISLANE DE LIMA ALMEIDA

**“VAMOS JUNTAS CAMPINA GRANDE?”:
UM ESTUDO DIALÓGICO DE UMA *FANPAGE* DO *FACEBOOK***

CAMPINA GRANDE
2017

KEITY ISLANE DE LIMA ALMEIDA

**“VAMOS JUNTAS CAMPINA GRANDE?”:
UM ESTUDO DIALÓGICO DE UMA *FANPAGE* DO *FACEBOOK***

Monografia apresentada ao Curso de Letras –
Língua Portuguesa da Universidade Federal de
Campina Grande, como requisito parcial para
obtenção do título de Licenciatura em Letras.

Orientador: Prof. Ms. Manassés Morais Xavier

CAMPINA GRANDE
2017

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL DA UFCG

A447v Almeida, Keity Islane de Lima.
“Vamos juntas Campina Grande?” : um estudo dialógico de uma *fanpage* do *facebook* / Keity Islane de Lima Almeida. – Campina Grande, 2017.
57 f.: il. color.

Monografia (Licenciatura em letras – Língua Portuguesa) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2017.

"Orientação: Prof. Me. Manassés Morais Xavier.

Referências.

1. Relações Dialógicas - *Facebook*. 2. Enunciado Concreto. 3. Sororidade Feminina. I. Xavier, Manassés Morais. II. Título.

CDU 81'42(043)


KEITY ISLANE DE LIMA ALMEIDA

**“VAMOS JUNTAS CAMPINA GRANDE?”:
UM ESTUDO DIALÓGICO DE UMA FANPAGE DO FACEBOOK**

Monografia apresentada ao Curso de Letras –
Língua Portuguesa da Universidade Federal de
Campina Grande, como requisito parcial para
obtenção do título de Licenciatura em Letras.

Aprovada em 05/10/2017.

BANCA EXAMINADORA


Prof. Ms. Manassés Morais Xavier (UAL/UFCG)

Orientador


Profa. Dra. Patrícia Silva Rosas de Araújo (UAL/UFCG)

Examinadora


Prof. Ms. José Luciano Marcullino Leal (PROLING-UFPB/UNINASSAU)

Examinador

CAMPINA GRANDE

2017

Dedico este trabalho a Deus.

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer primeiramente a Deus, em forma de uma canção que muito me ajudou nesse período de produção e dúvidas:

*“Deus, mesmo que eu não consiga
entender
E queira tudo do meu jeito, eu até choro
E às vezes até chego a dizer
Por que é que tem que ser tão difícil para
mim? Parece que é difícil só para mim!
Eu sei, seus pensamentos são mais altos
que os meus, o teu caminho é melhor do
que o meu, tua visão vai além do que eu
vejo.
O Senhor sabe exatamente o que é
melhor para mim, mesmo que eu não
entenda o seu caminho, eu confio!
E Deus, porque sou tão pequenino assim
Vou ficar quietinho aqui no seu colo
esperando o tempo, certo de tudo
Porque eu sei que vais cuidar de mim e o
seu melhor está por vir
Eu sei que é o melhor para mim
Mesmo sem entender”. – Thalles R.*

Há um pouco mais de cinco anos, sem saber bem o que queria da vida, mergulhei em um mar de perspectivas e possibilidades, vivo uma realidade que sempre pareceu idealização, mas busquei transformá-la em situação real e, sendo assim, alcancei com muita determinação, esforço, paciência e perseverança o que se tornou um sonho, embora eu saiba que esteja no primeiro degrau da escada que almejo subir. Porém, para que esse objetivo tornasse realidade eu jamais chegaria sozinha. Minha afetuosa gratidão a todos aqueles que contribuíram para que este sonho pudesse ser concretizado.

A minha família, por sua capacidade de acreditar e investir todos esses anos em minha educação. A minha mãe, Maria Almeida, punho forte, cuidado e dedicação foi o que deram, em alguns momentos, a esperança para seguir. Pai, Antônio

Almeida, obrigada por nunca duvidar da minha capacidade mesmo nas horas que eu mesma duvidei, pois isso me deu segurança e certeza de que não estou sozinha nessa caminhada; e minha Tia Fátima Almeida, que sempre nos alertou que a educação é a chave para uma vida melhor, mulher guerreira, lutadora, um exemplo de empoderamento feminino para mim.

A Emerson Paz, meu melhor amigo e incentivador nessa caminhada acadêmica. Ainda, ao meu querido amigo Alex, obrigado pelo carinho, a paciência e por sua capacidade de me trazer paz na correria dos últimos semestres. A minha querida amiga Socorro Oliveira, mulher admirável, obrigada pelas orações. Aos meus amigos de infância, Magnés Siqueira, Amanda Bernardes e Aline Martins, pessoas fortes que lutam face a face com o preconceito desde crianças: sinto-me honrada por fazerem parte de minha história que reflete diretamente na mulher que me tornei.

A minha irmã Kátia Almeida, que é, sem dúvida, a pessoa mais inteligente que conheço, porém falta ela se convencer disso. Ao meu irmão Diêgo Almeida, pelo cuidado e amor que sempre teve por mim. Ao meu cunhado Rafael Rubens, a quem tenho muita admiração e gratidão por amar e cuidar de minha irmã.

Agradeço aos meus amigos de curso Pollyane Alves, Rafaella Paz, Selma Costa, Allyne Andrade, Deywhildson Oliveira, entre muitos outros MANOS e MANAS como sempre os chamei, pelas alegrias, tristezas compartilhadas. Com vocês, as pausas entre uma disciplina e outra eram de puro aprendizado, com cada história de vida que dividiram comigo nesses 5 anos curso.

A minha gata de estimação Tiffany Maria, por todo amor e carinho que me dá. Deus a enviou-a para cuidar de mim em uma fase de minha vida bem complicada para que não me sentisse sozinha.

Ao meu orientador, um homem admirável, guerreiro, contagiante com sua alegria e de uma humanidade fora do comum. Obrigada por segurar na minha mão, olhar nos meus olhos e me falar “eu sempre estarei aqui para orientá-la”. Em momentos bem complicados em que o senhor esteve sempre ciente de tudo, porém nunca me julgou. Manassés Morais Xavier, pela paciência na orientação e incentivo que tornaram possível a conclusão desta monografia, pelo apoio, pela compreensão e pela amizade. O senhor foi mais que apenas um professor, sendo um amigo, companheiro de caminhada ao longo do curso e do nosso trabalho. Posso afirmar

que a minha formação, inclusive pessoal, não teria sido a mesma sem a sua pessoa, com quem partilhei o que era o broto daquilo que veio a ser esse trabalho.

À banca examinadora desta monografia, professores Patrícia Rosas e Luciano Leal, pelas significativas contribuições.

A todos os professores do curso, que foram tão importantes na minha vida acadêmica e no meu desenvolvimento como futura professora. Ao curso de Letras - Língua Portuguesa, pois foi aqui onde aprendi a refletir, duvidar e nunca encarar a realidade como pronta. Aqui aprendi a ver a vida de um modo diferente, lugar onde descobri minha vocação a qual eu nunca imaginara. Ainda, aos competentes funcionários da Unidade Acadêmica de Letras pelo profissionalismo e conhecimento compartilhado, especialmente Marciano Siqueira que esteve presente durante esses cinco anos de curso, não medindo esforços para ajudar no que estivesse ao alcance. A todos aqueles que de alguma forma estiveram e estão próximos a mim, fazendo esta vida valer cada vez mais a pena.

Mulher é desdobrável. Eu sou!

Adélia Prado

RESUMO

Sob a perspectiva da Análise Dialógica do Discurso, representada por Bakhtin e o Círculo e por trabalhos de estudiosos como Brait (2005), Faraco (2003), Fiorin (2006), dentre outros, o presente trabalho objetiva analisar, dialogicamente, as réplicas enunciadas por locutores e interlocutores em um contexto específico de comunicação e interação, as *fanpages* do *Facebook* que têm como tema nesse trabalho a sororidade feminina e ainda, compreender as múltiplas representações do ponto de vista de diferentes mulheres dentro de uma representação feminista. Nosso objeto de estudo são comentários femininos que trazem um olhar crítico sobre cada enunciado a ser visto, antes de tudo, como uma resposta aos enunciados precedentes de um determinado campo da criatividade ideológica. Neste sentido, os dados analisados evidenciam que as réplicas imprimem campos de criatividade ideológica diferentes que vão ao encontro da orientação social que locutoras e interlocutoras se filiam. A pesquisa é de cunho netnográfico e o *corpus* selecionado constitui-se especificamente, dos enunciados concretos extraídos dos comentários da *fanpage* do *Facebook* “Vamos juntas Campina Grande?”. Tal consideração aparentemente funciona como óbvia, mas abandona este estado quando compreendida como resultado de redes dialógicas que tecem, ao longo da história, a orientação do auditório social dos enunciados concretos que se estabelecem nos mais variados eventos discursivos.

Palavras-chave: Relações Dialógicas. *Facebook*. Enunciados concretos. Réplica. Sororidade feminina.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – <i>Hashtag</i> do “Vamos juntas?”	27
Figura 2 – Mensagem do “Vamos juntas?”	28
Figura 3 -Arquivos de pesquisa literária sobre emponderamento feminino	29
Figura 4 – natureza interativa proporcionada na fanpage	32
Figura 5 – Foto de militantes do women’s liberation movement em uma das audiências realizadas nos anos 1970	33
Figura 6.1 – A Gordofobia	37
Figura 6.2 – A Gordofobia.....	38
Figura 7.1 – Poema.....	39
Figura 7.2 – Poema.....	40
Figura 8 – Abuso/Assédio.....	46
Figura 9 – Mulher é assediada em São Paulo.....	49

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO I – O OLHAR METODOLÓGICO	14
CAPÍTULO II – UM OLHAR SOBRE A ANÁLISE DIALÓGICA DO DISCURSO	17
2.1 O dialogismo.....	17
2.2 Os enunciados concretos e as réplicas.....	19
2.3 Os gêneros discursivos.....	21
2.4 Redes Sociais: O <i>Facebook</i>	23
CAPÍTULO III – O OLHAR ANALÍTICO: “VAMOS JUNTAS CAMPINA GRANDE? ”	27
3.1 Movimento “Vamos juntas? ”	27
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	53
REFERÊNCIAS.....	55

INTRODUÇÃO

O conceito de sororidade, por muitas vezes, é taxado apenas como um termo academicista do feminismo contemporâneo e midiático. Na verdade, ele é. E nem por isso se torna pejorativo, na nossa concepção, trata-se, simplesmente, da união entre mulheres, da empatia entre nosso gênero, da aliança de todas nós, unidas por um bem maior. Empatia é concordarmos que, mesmo que nos odiemos, todas sofreremos obrigatoriamente com o machismo que nos é imperado na sociedade patriarcal e que, por isso, devemos nos unir com o objetivo maior de acabar com esse machismo histórico-cultural que tanto nos atinge.

Neste trabalho, optamos pela investigação conjunta entre a Análise Dialógica do Discurso (ADD) e o feminismo, em especial, a interação dialógica e a sororidade participativa dessas mulheres em uma *fanpage* no *Facebook*, com o intento de refletirmos sobre de que maneira essas situações – de sororidade – acontecem e como são resolvidas em um espaço de rede social?

Orientados por esses questionamentos, a pesquisa, em foco, objetiva, de forma geral, *analisar* as relações dialógicas no gênero discursivo postagens/comentários de *Facebook* que têm como tema a sororidade feminina distribuída em variados tópicos. Quanto aos objetivos específicos, destacamos: a) *estabelecer* interação dialógica entre os enunciados presentes nos discursos proferidos pelas postagens e comentários e b) *compreender* as diferentes formas de representação feminina nos pontos de vista dos sujeitos enunciadore dos discursos.

Esse estudo justifica-se pela busca em analisar como as relações dialógicas ocorridas no processo de produção do enunciado dos comentários, especificamente nos discursos de irmandade feminina, evidenciando cada vez mais que o discurso se realiza dentro de situações concretas de enunciados, mostrando que todo discurso é ideológico por natureza e, conseqüentemente, reflete e refrata as posições sociais da vida em sociedade, isto é, a construção de identidade enquanto sujeito de ato político-social defendido pelo feminismo, conforme as teorias reclamadas neste trabalho monográfico.

Pensando em desenvolver esse trabalho, à esfera das redes sociais, nossa análise consiste em considerar o posicionamento ideológico dos locutores e dos interlocutores explicitado em comentários que, em conformidade com a ADD, estamos chamando, a partir de dois movimentos analíticos, de réplicas: 1) (locutores

– indivíduos que se posicionam sobre com autores dos comentários) e 2) a respeito dos comentários que internautas teceram a partir dos comentários dos próprios locutores (isto é, usuários da rede mundial de computadores que neste trabalho estamos denominando de interlocutores e que se posicionam sobre os comentários dos locutores supracitados).

Este estudo configura-se como uma pesquisa em Análise Dialógica do Discurso (ADD), especificamente sobre leituras dialógicas em comentários em grupo de *Facebook*. Trata-se de uma pesquisa de cunho netnográfico, cujo *corpus* é constituído da seleção de 03 comentários pautados na interação das feministas membros do grupo “vamos juntas campina Grande” de diferentes esferas colhidas na página na fanpage mencionada a cima, sendo assim, se tratando dos mais diferentes enunciados. A abordagem teórica metodológica utilizada no estudo foi a dialógica, comparando os textos no tempo, no espaço e nas respostas que uns dão aos outros, apresentando como os enunciados se concretizam, ocupam o lugar na interação social e suscitam respostas, uma vez que os textos não podem ser analisados sem considerar que são enunciados respostas.

Esta pesquisa é fundamentada nos pressupostos teóricos propostos por Bakhtin acerca dos gêneros discursivos, bem como pela a ADD, representada também por trabalhos de alguns estudiosos: Brait (2012), Faraco (2003), Fiorin (2006) e Marcuschi (2008); e, ainda, por Porto e Santos (2014), Brandalise e Amaral (2017), Tereza Eickmann (2017), Tiburi (2015)¹, Adichie (2017), Garcia, Minella, Grossi (2010) Badinter (2005) entre outros que abordam as características dos temas e do gênero em análise.

De modo a contemplar o objetivo proposto, essa monografia está organizada em quatro partes: introdução, três capítulos, sendo um metodológico, um de fundamentação teórica e um analítico, bem como as considerações finais seguidas das referências.

No Capítulo I descrevemos a contextualização metodológica da geração de dados da pesquisa. No Capítulo II evidenciamos os fundamentos que subjazem à Análise Dialógica do Discurso. Para tanto, levamos em consideração alguns conceitos específicos que são tematizados nessa teoria, a saber: dialogismo,

¹ Marcia Tiburi é doutora em Filosofia e seus principais temas de pesquisa são ética, estética, filosofia do conhecimento e feminismo. É autora de diversos livros, artigos, colaboradora de jornais e revistas especializadas. É professora do Programa de Pós-Graduação em Educação, Arte e História da Cultura da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

enunciado concreto e as réplicas e fechando temos os gêneros discursivos e, de modo, particular, os gêneros que circulam da esfera digital, como em redes sociais.

O Capítulo III se constitui de duas partes: na primeira, descrevemos a área de inserção da pesquisa, a natureza e tipo de pesquisa e o contexto da geração de dados da pesquisa e critérios de análise; na segunda, apresentamos a análise feita das categorias: 1) “a natureza interativa proporcionada na *fanpage*”, decorrendo acerca dos conceptivos femininos. 2) “A gordofobia”, tratando dos preconceitos sofridos por essas mulheres. 3) ” abuso e assédio” denunciando e relatando fatos como o estupro que vem sendo cada vez mais comuns em nossa sociedade.

Por fim, nas Considerações Finais, evidenciamos respostas à questão problema da pesquisa, bem como ao alcance dos objetivos assumidos diante da produção deste trabalho monográfico.

Nesse momento, passemos às discussões metodológicas:

CAPÍTULO II

O OLHAR METODOLÓGICO

A Análise Dialógica do Discurso (doravante, ADD) discute uma importante área de investigação da Linguística, que visa explicar a linguagem verbal humana, oral ou escrita através dos signos que o homem produz na interação discursiva a comunicação, que não ocorre apenas com a linguagem verbal, mas também com a linguagem não-verbal por meio de outros signos linguísticos representados por imagens ou códigos chamados nas redes sociais de *emojis*², recursos esses que são amplamente utilizados pelo *Facebook*, *Whatsapp*, dentre outros.

O enunciado, tal como conceituado pela ADD, é um ato de comunicar, de transmitir uma mensagem a alguém. É importante lembrar que há comunicação quando houver uma troca de interação discursiva entre um locutor e um interlocutor, gerando, com isto, as réplicas e as trélicas do diálogo que nem sempre será de comum acordo entre os indivíduos, isto é, não sendo necessário que o sujeito concorde com o discurso do outro para se classificar diálogo.

A natureza tipológica da nossa pesquisa é de cunho netnográfico. Netnografia é o ramo da Etnografia que analisa o comportamento de indivíduos e grupos sociais na Internet e as dinâmicas desses grupos no ambiente on-line e off-line. Acredita-se que o termo foi empregado pela primeira vez por R.V.Kozinets (1997).

Para tanto, apresentaremos o percurso metodológico que norteou a realização desta pesquisa, expondo informações sobre o tipo de pesquisa adotado, a constituição do *corpus* de análise, perfil das mulheres participantes da página do *Facebook* “Vamos juntas Campina Grande?” e os procedimentos utilizados. Partimos da seguinte citação:

Nossos mundos sociais estão se digitalizando, com talvez centenas de milhões de pessoas interagindo por meio das muitas comunidades online e suas *ciberculturas* associadas. Para manterem-se atuais, nossos métodos de pesquisa devem acompanhar essa realidade (ROBERT V. KOZINETS, 2010, p. 47).

² *Emoji* é de origem japonesa, composta pela junção dos elementos *e* (**imagem**) e *moji* (**letra**), e é considerado um **pictograma** ou ideograma, ou seja, uma **imagem que transmite a ideia de uma palavra** ou frase completa. Atualmente, os *emojis* são muito populares nas redes sociais (*Facebook*, principalmente)

Metodologicamente, partimos de levantamentos digitais em relação as temáticas femininas abordadas, tendo em foco a análise discursiva dialógica. Para observação e escolha dos variados temas encontrados no grupo em que acontece a pesquisa, “Vamos juntas Campina Grande? ”, escolhemos três abordagens de diferentes; níveis sociais, faixa etária e complexidade da temática, ainda mesmo do gênero discursivo escolhido, mesmo não nos aprofundando essa área de tipologia do gênero textual.

Conforme a *fanpage*, “Vamos juntas Campina Grande?” No nosso mapeamento resistramos mais de 5.412 membros da cidade e região de Camina Grade – PB. Na página são proferidos regras e avisos como: ajudar umas às outras com recomendação de produtos, serviços e conselhos compartilhados entre outros. Além disso, constam ainda mais nas normas: não expor conteúdo de dentro do grupo para pessoas de fora, muito menos expor participantes do grupo [passível de banimento]; como também não é permitido convidar homens para grupo. Essas são as condições básicas para se fazer parte de tal grupo que é totalmente privado³. Vale salientar que a *fanpage* foi iniciado por grupos de feministas e ao longo do tempo foram sendo aceitas qualquer tipo de ideologia feminina, isto é, hoje o grupo já não mais é constituído apenas por feministas, mas sim, por vários tipos de mulheres que tentam se ajudar e respeitar as opiniões uma das outras.

Sendo assim, optamos por analisar o comportamento dessas mulheres em uma rede fechada, partindo pelos temas sociais vivenciados pelas mesmas, tendo em vista que em momento algum colocamos essas em exposição ou tratamento que as denigrassem de alguma forma. Utilizamos de letras aleatórias para identificar as autoras de cada discurso, com isto, facilitando o entendimento dos enunciados, críticas e reflexões sobre as temáticas analisadas.

Por fim, à luz da ADD, procuramos exaltar que tipos de mulheres são essas que falam e replicam o que lhes é acontecido, trocando informações e demonstrando suas fraquezas, já que algumas mulheres não se sentem parte de um todo, competindo entre si. Esse é um exemplo simples de Sororidade⁴, de certa maneira,

³ Embora privado, nos foi concedido pelas administradoras do grupo “Vamos juntas Campina Grande?”, total acesso a pesquisa no grupo desde que não expuséssemos as integrantes.

⁴ No nosso dicionário comum, não existe definição para esse termo. Por isso, “sororidade” é explicada como a “irmandade” entre as mulheres, tal como a fraternidade funciona para os homens em geral. No Dicionário de Estudos de Gêneros e Feminismos, da cientista social Susana Beatriz Gamba, sororidade “é uma dimensão ética, política e prática do feminismo contemporâneo. É uma experiência subjetiva entre mulheres na busca por relações positivas e saudáveis, na construção de alianças

é enxergar-se na outra mulher. Reconhecer nela as próprias fraquezas, opressões, julgamentos, dores, virtudes, força. Por meio da compreensão mútua, nos vemos vítimas dos nossos próprios preconceitos. E é nesse contexto que a sororidade funciona: para desconstruir a ideia de que mulheres são rivais.

Nesse momento, seguem as discussões teóricas que embasaram a pesquisa.

CAPÍTULO II

UM OLHAR SOBRE A ANÁLISE DIALÓGICA DO DISCURSO

2.1 O dialogismo

Conforme Brait (2005), inspirada nos escritos por Mikhail Bakhtin o texto é defendido constitutivamente dialógico; define-se pelo diálogo, pelo os interlocutores e pelo diálogo com outros textos. Ainda que utilizando a mesma língua, o sujeito não irá repetir ninguém, com isto, se colocar como sujeito nessa linguagem, se defendermos a linguagem como “espelho do mundo”.

A linguista explica que o ser humano, segundo essa concepção, representa para si o mundo por meio da linguagem, sendo assim, a função da linguagem seria a de refletir seu conhecimento de mundo. Portanto, essa ideia de “refletir o mundo” tem que ser pensada no momento em que a linguagem é constituída por um sujeito, e ainda, que a linguagem não é apenas a língua, pois ela produz sentido, comunicação, expressão e mostra, principalmente, a posição do indivíduo diante do mundo.

Todos os enunciados no processo de comunicação, independentemente de sua dimensão, são dialógicos. Neles existe uma dialogização interna da palavra, que é perpassada sempre pela palavra do outro. É sempre e inevitavelmente também a palavra do outro. Isso quer dizer que o enunciador, para constituir um discurso, leva em conta o discurso de outrem, que está presente no seu. Por isso todo discurso é inevitavelmente ocupado, atravessado pelo discurso alheio. O dialogismo são as relações de sentido que se estabelecem entre dois enunciados (FIORIN, 2006a, p. 19).

Para Bakhtin, embora os sujeitos negociem sentidos e tentem entrar em acordo, sempre haverá uma tensão, pois este dialogismo é inerente quando se fala em interação, não significando, necessariamente, que os sujeitos estejam numa conversação harmoniosa. Logo, nossas falas são constituídas do eu e do outro, uma relação de discurso do sujeito da ideologia de valores (discurso político, crenças, do seu meio social), ou seja, o discurso que constitui o sujeito.

Primeiramente, Faraco acredita necessário esclarecer o sentido do emprego do termo ideologia nos textos do Círculo. Visto que os estudos do grupo se voltam ao universo da criação ideológica, costumes mal-entendidos acarretam interpretações errôneas, de sentido restrito e até negativo das ideias cruciais desses estudiosos. Assim, esclarece Faraco, ideologia é o nome que o Círculo costuma dar, então, para o universo que engloba a arte, a ciência, a filosofia, o direito, a religião, a ética, a política, ou seja, todas as manifestações superestruturais (FARACO, 2009, p. 46).

Portanto, a noção de dialogismo será de enunciados que tenham a recuperação de algo que já passou e também algo que possa ser projetado para o futuro. Com isto, a ADD busca compreender como o discurso funciona/produz sentidos, sendo este, falado ou escrito, construindo significados para realização da prática política, mobilizando, dessa forma, interpretações que o discurso terá.

O conceito de dialogismo foi elaborado pelo filósofo Bakhtin, que o explica como um mecanismo de interação textual comum na polifonia, processo no qual um texto revela a existência de outras obras em seu interior, as quais lhe causam inspiração ou algum influxo. O dialogismo está presente tanto nas obras impressas como na própria leitura, esferas nas quais o discurso não é observado em um contexto de incomunicabilidade, mas sim, em constante ação recíproca com textos semelhantes e/ou imediatos. Este elemento aparece quando se instaura um processo de recepção e percepção de um enunciado, que preenche um espaço pertencente igualmente ao locutor e ao ouvinte.

Sendo assim, o dialogismo é a capacidade de dialogar com o já dito e se reportar com o que ainda será dito. Partindo deste posicionamento, a ADD concebe a linguagem em uma perspectiva histórico-sócio-cultural. A sua preocupação não está apenas no que o texto diz, mas, sobretudo, na interrelação entre o que e o como o texto diz. Com isto, os participantes de uma conversação elaboram um fluxo dialógico ao posicionarem o ato da linguagem em uma interação frente a frente. Segundo o estudioso russo, o diálogo engloba qualquer transmissão oral, de toda espécie ao qual todos os personagens que circulam no âmbito da linguagem constituem elementos sociais e históricos que têm o poder de conferir significados reais e se estruturam regularmente na obra ficcional, expressando seus pontos de vista sobre a realidade concreta.

Para Bakhtin (2010, p. 263), a vontade discursiva do falante só pode ser manifestada na escolha de um gênero discursivo (conversa formal ou informal) e ainda “por cima na sua entonação expressiva” (tom mais seco ou mais respeitoso,

mais frio ou mais caloroso, alegria ou tristeza, etc.). O filósofo ainda defende que quando os indivíduos se comunicam, eles não trocam orações ou palavras, mas enunciados que se materializam, em acordo determinam a finalidade, em gêneros discursivos para fortalecer essa ideia,

Comungando do pensamento bakhtiniano, podemos entender que o discurso nasce do diálogo. O termo diálogo, para o autor, refere-se a toda comunicação verbal e não verbal, devendo ser compreendido em um sentido amplo, isto é, como propriedade intrínseca à linguagem e não somente como uma comunicação face a face. Sendo assim, todo texto dialoga com outros textos; toda cultura dialoga com outras culturas, assim como os sujeitos dialogam com sua própria vivência e conhecimento de mundo ao produzir seu discurso. Por isso, na interpretação de um texto é preciso considerar esses fios dialógicos que se entrecruzam a outros fios produzidos.

2.2 Os enunciados concretos e as réplicas

A ADD explica que a relação dialógica é a forma clássica de comunicação verbal, e esta afirmação leva em conta a existência de indivíduos falantes, locutores que interagem, visto que o enunciado é dotado de reações-respostas (réplicas) que podem discordar ou concordar, demarcando, assim, a responsividade ativa do interlocutor. Para Bakhtin (2010, p. 272), toda compreensão plena real é ativamente compreensão responsiva e não é, senão, uma fase inicial preparatória para a resposta: “todo falante é por si mesmo um respondente em maior ou menor grau (...). Cada enunciado é um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados”.

A partir dessa concepção, entendemos que o enunciado do sujeito pensante em qualquer que seja sua esfera social, assim como, instância (meio) e gênero escrito ou oral que este esteja inserido, carregará consigo embasamentos construídos por carga de discursos outros que este indivíduo utiliza para reforçar seu pensamento ideológico, mesclando com sua vivência de mundo. Tal fenômeno é explicado pelo ponto de vista do campo de criatividade ideológica – domínio que “tem seu próprio modo de orientação para a realidade e retrata a realidade à sua própria maneira” (BAKHTIN/ VOLOCHÍNOV, 2009, p. 33).

Dando sequência a esse pensamento, Rojo (2009) afirma que o ato da leitura envolve diversos procedimentos e capacidades (perceptuais, cognitivas, motoras,

sociais, discursivas, linguísticas, afetivas). Sendo assim, a leitura passa a ser vista não apenas como um ato de decodificação, de transposição do escrito para o oral, mas sim, como um ato de compreensão que necessita de conhecimento de mundo, de práticas sociais e conhecimentos linguísticos, o que vai além dos fonemas e grafemas.

Como consequência, todo enunciado real possui um sentido e as palavras assumem inúmeras significações em função do sentido do enunciado que, por sua vez, é concreto. É por isto que o sentido da palavra é totalmente determinado por seu contexto.

Todo enunciado real, verdadeiro, possui um sentido. (...) de acordo com o contexto este enunciado terá um sentido, a cada vez, diferente. Deixemos a nossos leitores a missão de buscar, eles próprios, exemplos onde a *mesma* expressão verbal possa ter *sentidos radicalmente diferentes* – significando em um momento estupefação, em outro momento indignação, ou ainda alegria ou mesmo tristeza. Isto significa dizer, em outras palavras, que tal expressão representará nossa resposta, nossa réplica, a situações e a eventos totalmente diversos. (VOLOSHÍNOV, 1976, p. 09, itálicos do autor).

Esse conceito encontrado em Voloshínov deixa claro que as réplicas podem ser entendidas como a repercussão enunciativa de enunciados concretos, seja nos mais diferentes espaços sociais. Seguindo nas explicações que antecedem, observamos que para os autores a natureza social da linguagem desenvolve o discurso do sujeito e conseqüentemente a sua organização social para luta de classes. Portanto, a progressão da linguagem se estabiliza na relação social de comunicação que cada homem mantém com seus semelhantes – relação que não existe apenas no nível de produção, mas também no nível do discurso. Dito isto, considerando a vida em sociedade em nosso presente, podemos destacar as relações cotidianas no meio virtual, que será analisado mais à frente em nosso trabalho.

Ainda, para Bakhtin (2010), o enunciado é entendido como unidade da comunicação discursiva. Para o autor, é preciso diferenciar a palavra da língua do enunciado concreto. A palavra da língua, segundo os escritos de Bakhtin, é desprovida de emoção, de juízo de valor. Já o enunciado concreto é dotado de elemento expressivo, ou seja, um enunciado neutro não será possível, pois,

segundo o linguista cada enunciado trata-se de um eco de outros enunciados ligados pela identidade da comunicação discursiva.

2.3 Os gêneros discursivos

O caminho pelo qual optamos entender os gêneros discursivos deriva da tríade bakhtiniana: tema + estilo + composição (apresentaremos melhor essa tríade ao longo da leitura). Logo, pensar no texto como discurso significa pensar na ideologia histórica que o instituiu e na sua vinculação a um gênero.

Os indivíduos não operam linguisticamente com uma metalinguagem que norteiam seus eventos de fala ou de escrita. Primeiramente, essa escolha é condicionada pelas diferentes situações sociais das quais participamos: o que a análise do discurso chama de *esferas da atividade humana*. (Bakhtin, 1992, p. 279). Cada época, cada cultura, cada comunidade, no fim, cada esfera do comportamento social tem suas opções de comunicação. (WACHOWICZ, 2012. p. 24)

Faremos um breve discurso sobre gêneros textuais para melhor destrinchar nosso pensamento sobre a importância do discurso dentro do texto. Pois bem, sendo assim, Marcuschi (2008), deixa a entender que os gêneros não são entidades naturais, mas artefatos culturais construídos historicamente pelo ser humano. Um gênero, para ele, pode não ter uma determinada propriedade e ainda continuar sendo aquele gênero. Para exemplificar, o autor fala da carta pessoal. Mesmo que o autor da carta não tenha assinado o nome no final, ela continuará sendo carta, graças as suas propriedades necessárias e suficientes.

O estudioso diz, ainda, que uma publicidade pode ter o formato de um poema ou de uma lista de produtos em oferta, o que importa é que esteja fazendo divulgação de produtos, estimulando a compra por parte de clientes ou usuários daquele produto. Para o autor, Tipologia Textual é um termo que deve ser usado para designar uma espécie de sequência teoricamente definida pela natureza linguística de sua composição.

Ainda segundo Marcuschi (2008), o estudo sobre os gêneros ao longo da história da humanidade e das investigações sobre a língua(gem), quanto o modo de classificar os diferentes gêneros, assim como a determinação dos fatores predominantes nessa classificação, fizeram com que diferentes estudos, em diversos campos do conhecimento, surgissem e se desenvolvessem. Com isso,

podemos falar em gêneros retóricos, que estão ligados aos vários campos do saber desde a filosofia clássica com Aristóteles que propôs, em *Arte Retórica*, a organização da oratória em três gêneros: a) o deliberativo (dirigido a um auditório que se tem a intenção de aconselhar ou dissuadir); b) o forense ou judiciário (orador acusa ou defende) e c) o demonstrativo ou epifítico (discurso religioso ou de repreensão ao cidadão). Esses discursos seriam definidos pelas circunstâncias em que são produzidos, considerando a categoria dos seus ouvintes/leitores.

Resumindo, podemos perceber que a noção de gêneros, ao decorrer da história, esteve sujeita aos diferentes estágios do desenvolvimento do pensamento teórico, em variadas áreas do conhecimento, até chegar à atualidade, ou seja, os gêneros foram se modificando de acordo com as demandas sociais, com as tecnologias e com a cultura.

Para Marcuschi, (2008, p. 20), não são as novas tecnologias que originaram os gêneros, mas sim a intensidade dos usos dessas tecnologias e suas interferências nas atividades comunicativas diárias. E-mails, chats, blogs, fotoblogs, etc. são exemplos desses gêneros emergentes. Entretanto, conforme acentua o autor, eles não são inovações absolutas uma vez que se ancoram em gêneros já existentes: cartas, bilhetes, conversações, diário, etc.

Portanto, gênero discursivo é concebido por características sócio-comunicativas definidas pelos conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica. Com isto, fica entendido que o discurso é aquilo que um texto produz ao se manifestar em alguma instância discursiva. O discurso se realiza nos textos, sendo esses inseridos em seus determinados gêneros textuais.

Nos estudos de gêneros do discurso realizados no Brasil, Bakhtin é um dos autores mais citados. Tendo Bakhtin como referência, Faraco (2009) conceitua gênero do discurso como os tipos relativamente estáveis de enunciados que se elaboram no interior de cada esfera da atividade humana. O gênero é um representante da memória criativa no processo desenvolvimento literário. Precisamente, por isso, o gênero é capaz de garantir a unidade e a ininterrupta continuidade de seu desenvolvimento (BAKTIN, *apud* FARACO, 2009, p. 121).

Na perspectiva de Bakhtin (2010, p. 263), os gêneros do discurso apresentam três dimensões (citadas nos textos anteriores) indissolúvelmente ligadas no todo do enunciado e ligadas pela especificidade de um campo da comunicação:

- O tema – conteúdos ideologicamente conformados – que se tornam comunicáveis (dizíveis) através do gênero;

- A composição – os elementos das estruturas comunicativas e semióticas compartilhadas pelos textos pertencentes ao gênero (forma composicional);
- O estilo-as configurações específicas das unidades de linguagem, traços da posição enunciativa do locutor e da forma composicional do gênero (marcas linguísticas ou estilo) (grifos da autora).

Sendo assim, conforme o estudioso russo, os gêneros são classificados como tipo relativamente instáveis de enunciados. Ele explica que quaisquer esferas de utilização da língua vão elaborar determinados enunciados, esses tendo uma certa estabilidade relativa para permitir a interação discursiva.

2.4 Redes Sociais: O Facebook

Desde os primórdios em que o homem passa a viver em sociedade, busca-se algo para expandir a comunicação e com ela expressar seus desejos, culturas etc.. Acredita-se que a escrita originou a partir dos desenhos de ideogramas como uma forma de perpetuar a comunicação para que esta não fosse apenas momentânea, sendo assim, esses primeiros registros escritos possibilitaram o homem a desenvolver suas mensagens para além do tempo, passando de geração a geração.

Com a evolução do homem e, conseqüentemente, do tempo, procurou-se desenvolver técnicas que facilitassem a comunicação no meio social, pois é através desta que nos tornamos sujeitos ativos e críticos. Com isto, nesse processo de evolução comunicativa muito se desenvolveu como, por exemplo, o telefone, o jornal, a televisão etc. que nos levou à era da comunicação tecnológica, mas todo esse processo passou por várias fases e invenções que acabaram se tornando de grande importância para toda sociedade.

Com a chegada da era digital, a dinâmica cognitiva e comunicacional das gerações se desenvolveu com as potencialidades do computador e conseqüentemente da internet operacionalizados como conectividade, multidirecionalidade, partilha, colaboração, interatividade.

Para direcionar a nossa pesquisa podemos iniciar esse discussão sobre o *Facebook* é defendendo como: um campo virtual que explora diversos aspectos relacionado ao comportamento humano, que se constitui como uma base de dados

a atividade social de fácil acesso, permitindo contato com diferentes culturas, níveis etários, países, crenças religiosas, visão política etc..

Redes sociais digitais se caracterizam pelo constructo de grupamentos de indivíduos que produzem – e reproduzem – identidades para fins de associação e, também, afinidades – sejam culturais, econômicas, políticas, comerciais, filosóficas, ideológicas e religiosas – no ambiente online (PORTO; SANTOS, 2014, p. 222).

Com isso, as redes sociais, mais em particular o *Facebook*, imprime uma nova dinâmica na relação entre os utilizadores e destes com a rede. Sendo assim, associadas a facilidades na criação e partilha de conteúdo, a novos consumos e estilos de vida, a utilização desse meio em que requer ao seu internauta a competência crítica ao que se escreve, comenta, “curte” e compartilha, assim, traçando através desses pensamentos compartilhados com os demais leitores de seu meio digita/social, criar um perfil do indivíduo que o representa em imagens e linguagem digital a partir desse novo tipo de texto, os quais vão gerar novas concepções do mesmo.

Conforme o artigo “*Facebook: tudo sobre a rede social mais usada do mundo!*”, publicado no site, marketingdeconteudo.com, este vem sendo a principal escolha de muitos usuários de Redes Sociais. Segundo o artigo, o *Facebook* é, atualmente, o site mais acessado do mundo, contendo mais de 2 bilhões de usuários ativos em todo o mundo.

A sua história teve em início 2003⁵, dentro de um quarto, na Universidade de Harvard, com o nome de *Facemash*. O site foi criado pelos estudantes Mark Zuckerberg, Chris Hughes, Dustin Moskovitz e o brasileiro Eduardo Saverin, que estavam no segundo ano de faculdade. Na época, Mark sofreu uma série de acusações, como violação de privacidade e de segurança, enfrentando sérios problemas em sua faculdade. Pouco tempo depois, o estudante já começava a programar o código de uma rede virtual que, mais tarde, iria se expandir para o uso de estudantes de outras universidades das redondezas, com o nome de “*thefacebook*”. Neste site, era possível criar laços de amizade virtuais entre os universitários.

A expansão continuou, e em meados do ano de 2005, o *Facebook* foi oficialmente inaugurado com seu nome original, logo depois que o conselheiro de Mark Zuckerberg, Sean Parker, co-fundador do *Nepster*, sugerir a mudança sutil do

⁵ Ver o filme “ a rede social”, de David Fincher, 2010.

nome. A partir de 2006, o acesso passou a ser liberado para alunos do ensino secundário e também trabalhadores de empresas em geral e não eram mais apenas os estudantes universitários que podiam usufruir do uso da rede. Logo depois, qualquer pessoa com idade acima de 13 anos podia se conectar ao *Facebook*, fornecendo informações simples como nome e sobrenome, e-mail, data de nascimento e gênero. “O *facebook* é uma rede social alicerçada em princípios, tais como: liberdade de compartilhar e conectar, fluxo livre de informação, igualdade e liberdade entre os sujeitos” (PORTO e SANTOS, 2014.p, 190).

Conforme informações do site *facebook.com*, tendo por consequência, do seu sucesso e grande adesão, pode-se considerar que influência diretamente na política, cultura e opinião pública dos usuários. Nele, é possível criar um perfil pessoal ou uma *fanpage* e interagir com outras pessoas conectadas ao site, através de trocas de mensagens instantâneas, compartilhamentos de conteúdos e as famosas “curtidas” nas postagens dos usuários, além de executar estas funções, também é possível participar de grupos, de acordo com seus interesses e necessidades, dentro da rede social. Vamos entender um pouco sobre os suportes textuais para compreender o tipo de discurso que eles carregam no que se diz relevante ao nosso trabalho de pesquisa.

Em seguida a breve discussão sobre os gêneros discursivos e os tipos de discursos que os seguem, outra questão também se faz necessária: o papel do suporte na constituição da identidade do texto mais especificadamente nos textos comentários de *Facebook*.

De acordo com Marcuschi (2008), o suporte é um *locus* físico ou virtual com formato específico que serve de base ou ambiente de fixação do gênero materializado como texto. Nesses termos, entendemos que os suportes, além de ampararem a mensagem, auxiliam na delimitação e apresentação de um gênero do discurso. O suporte possui três aspectos: a) suporte é um lugar (físico ou virtual) b) suporte tem formato específico c) suporte serve para fixar e mostrar o texto.

No artigo intitulado como de “A questão do suporte dos gêneros textuais” Marcuschi apresenta, por exemplo, o caso dos correios que é visto como o da Internet, tanto podem ser um suporte, como um serviço a depender do aspecto da observação. Já não é tão simples saber se a mala-direta é um serviço, ou um suporte ou até um gênero como alguns já a classificaram.

Entendendo dessa forma, nos faz refletir que a mala direta é um serviço pelo qual se enviam correspondências de vários gêneros, publicidades entre outros.

Tomamos aqui como serviço um aparato específico que permite a realização ou a veiculação de um gênero em algum suporte. Assim, os correios permitem a remessa de cartas, por exemplo; a Internet permite a remessa de informações eletrônicas e ao mesmo tempo a realização e instalação de páginas pessoais como suportes de gêneros diversos.

Dessa forma, fica visto que o suporte é imprescindível para que o gênero circule na sociedade e influencie na natureza do gênero suportado. Em algumas situações, o suporte se confunde com o gênero textual (outdoor, por exemplo), em outros casos, o suporte define o gênero (bilhete, receita, notícia). Porém, isso não significa que o suporte determine o gênero, mas sim, que o gênero exige um suporte especial. Contudo, há casos complexos em que o suporte determina a distinção que o gênero recebe. Ou seja, o conteúdo independente seja escrito ou falado não muda, mas o gênero pode ser identificado por meio do suporte.

A discussão sobre o suporte nos leva a perceber como se dá a circulação social dos gêneros, tendo em vista que todo texto discursivo se organiza dentro de um determinado gênero e que o suporte textual de forma central tem a ver com a ideia de um portador do texto, mas não no sentido de um meio de transporte ou veículo, nem como um suporte estático, mas sim, como um lócus no qual o texto se fixa e que tem repercussão sobre o gênero que o suporta.

Portanto, entendemos que o suporte não é passivo e tem relevância no próprio gênero como tal, já que um texto em um ou outro lugar recebe influência desse lugar em que se situa, como no caso o *Facebook* como suporte e as publicações de seus usuários como gênero.

A seguir, apresentamos o capítulo de análise desta monografia.

CAPÍTULO III

O OLHAR ANALÍTICO: “VAMOS JUNTAS CAMPINA GRANDE?”

3.1 Movimento “Vamos juntas?”

Figura 1 – Hashtag do “Vamos juntas?”



Fonte: <http://www.movimentovamosjuntas.com.br/index.php/o-vamos-juntas>

Acesso em: 14/06/2017

A ideia central do grupo no *Facebook* em muitas cidades do país iniciou-se através do site <http://www.movimentovamosjuntas.com.br/> propondo que “na próxima vez que estiver em uma situação de risco, observe: do seu lado pode estar outra mulher passando pela mesma insegurança, que tal irem juntas?”.

Segundo informações no site, a ideia dos grupos se deu através de um relato sobre uma volta insegura para casa, vivenciada pela jornalista Babi Souza, de Porto Alegre, que teve uma inspiração e concluiu que se as mulheres se unissem nas ruas, essas se sentiriam mais seguras. Afinal, as mulheres entendem o medo que as outras mulheres sentem na rua sozinhas. E foi a partir dessa ideia que nasceu o movimento “Vamos juntas?”⁶.

De uma postagem despreziosa em seu perfil no *Facebook*, Babi Souza, ao divulgar essa ideia que desenvolveu, criou uma página que soma mais de 300 mil curtidas, sendo meses de trabalho intenso e histórias que não a deixaram desistir de

⁶ O Movimento Vamos Juntas fala não apenas sobre como é importante as mulheres “irem juntas”, mas também sobre a importância de “estarmos juntas” e de colocarmos a sororidade (irmandade entre mulheres) em prática.

fazer com que o movimento crescesse e atingisse mais “manas”: terminologia como são tratadas umas às outras nessas páginas.

Em poucos dias, o movimento deixou de falar apenas sobre como é importante as mulheres “irem juntas” e passou a cultivar a importância de “estarmos juntas” e de colocarmos a sororidade (irmandade entre mulheres) em prática. Tomando assim, histórias de mulheres que tinham superado situações infelizes, terem ajuda das mais diversas formas em prática, através do “Vamos juntas?”, foram sendo cada vez mais compartilhadas, tornando-se um movimento reconhecido nacionalmente e o levando a ganhar um espaço gigantesco na mídia.

Segundo o próprio depoimento no site da jornalista Babi, o movimento cresceu tão rapidamente que a própria pode viver de forma autônoma para conseguir com o trabalho do movimento se dedicando apenas a ele para que não parasse de crescer. E assim tem sido a cada página de cada cidade, tendo seu próprio grupo “Vamos juntas?”. Vale ainda salientar que o movimento segundo o site do mesmo, foi eleito pela revista⁷ (Elle - Copyright© abril Mídia S.A.) como um dos 5 movimentos feministas digitais que mais fazem a diferença. A revista convidou 13 especialistas que elegeram os vencedores entre 63 projetos.

Figura 2 – Mensagem do “Vamos juntas?”



Fonte: <http://www.movimentovamosjuntas.com.br/index.php/o-vamos-juntas>
Acesso em: 14/06/2017

⁷ Em 1985 foi lançada a primeira versão internacional da revista ELLE publicada nos EUA pela *Hearst Corporation*. Três anos mais tarde em 1988 a revista foi lançada no Brasil, publicada pela Editora Abril. É a maior revista de moda do mundo em circulação, com 42 edições em mais de 60 países. Mensalmente publica trabalhos de estilistas, escritores, fotógrafos e designers dentro de uma perspectiva sofisticada do mundo da moda, da beleza e do “universo feminino”. Anualmente ela entrega prêmios relacionados a moda, estilo e influenciadores que acontecem no país.

Através dessa, chegando a cada cidade o movimento, assim como o que iremos analisar “Vamos juntas Campina Grande?”, que, segundo a própria *fanpage*, os números de membros que vem crescendo a cada dia com a procura das “manas” de Campina Grande – PB e região. Vejamos alguns dos arquivos de ajuda e leitura encontradas na página de pesquisa o que por si diz muito quem é o público-alvo desse grupo:

Figura 3 – Arquivos de pesquisa literária sobre emponderamento feminino

Nome	Tipo	Modified *
Dicas de Médicos/Indicações	Doc	Kamila Gadelha 2 de junho às 18:13
gravação 18-04-2017.mp4	Vídeos	Juliane Santos 18 de abril às 08:05
Os 13 porques - Jay Asher.pdf	PDF	Aline Pereira 4 de abril às 19:45
simone bauvoir 2.pdf	PDF	Marcinha Lima 28 de março às 12:37
simone bauvoir 1.pdf	PDF	Marcinha Lima 28 de março às 12:36
A interpretação dos sonhos de sigmund freu...	PDF	Marcinha Lima 28 de março às 12:35
Sejamos-Todos-Feministas.pdf	PDF	Marcinha Lima 28 de março às 12:32
beauvoir, simone. mulher desiludida.pdf	PDF	Marcinha Lima 28 de março às 12:32
Para Educar Crianças Feministas - Chimaman...	PDF	Marcinha Lima 24 de março às 14:22

Fonte: <https://www.facebook.com/groups/597287507105648/>
Acessado em 01/03/2017.

As procuras e arquivo como pode-se ver a cima, são das mais variadas especulações do universo feminino, seja ele feminista ou não, embora, a maior

parte das mulheres inclusas sejam feministas⁸ e empoderadas⁹, “manas” que procuram conceber o poder de participação social das mulheres, garantindo que possam estar cientes sobre a luta pelos seus direitos, como a total igualdade entre os gêneros.

Partindo da expressão “manas”, podemos entender que essa no grupo enfatiza expressivamente a intenção ideológica de associar todas essas mulheres como irmãs, uma gíria usada para fortalecer a equipe de atitude, não importa o que façam, são unidas, amigas e verdadeiras, tendo total confiança ao abrirem seus problemas, sabendo que não serão julgadas, mas sim, aconselhadas como o ideal de sororidade.

Para Bakhtin (2010, p. 272), toda compreensão plena real é ativamente responsiva e não é senão uma fase inicial preparatória para a resposta: “todo falante é por si mesmo um respondente em maior ou menor grau (...). Cada enunciado é um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados”. E afirma mais:

Não existe a primeira nem a última palavra, e não há limites para o contexto dialógico (este se estende ao passado sem limites e ao futuro sem limites). Nem os sentidos *do passado*, isto é, nascidos no diálogo dos séculos passados, podem jamais ser estáveis (concluídos, acabados de uma vez por todas): eles sempre irão mudar (renovando-se) no processo do desenvolvimento subsequente, futuro do diálogo. Em qualquer momento do desenvolvimento do diálogo existem massas imensas e ilimitadas de sentidos esquecidos, mas em determinados momentos do sucessivo desenvolvimento do diálogo, em seu curso, tais sentidos serão lembrados e reviverão em forma renovada (em novo contexto). Não existe nada absolutamente morto: cada sentido terá sua festa de renovação. (BAKHTIN, 2010, p. 410, itálico do autor)

Tendo em vista que a ADD mostra que o diálogo ou a relação dialógica é a forma clássica de comunicação verbal e esta afirmação leva em conta a existência de indivíduos falantes, locutores que interagem, analisaremos os diversos discursos que embasam o grupo “Vamos juntas?”, compreendendo como esses diálogos

⁸ Feminismo é um movimento político, filosófico e social que defende a igualdade de direitos entre mulheres e homens.

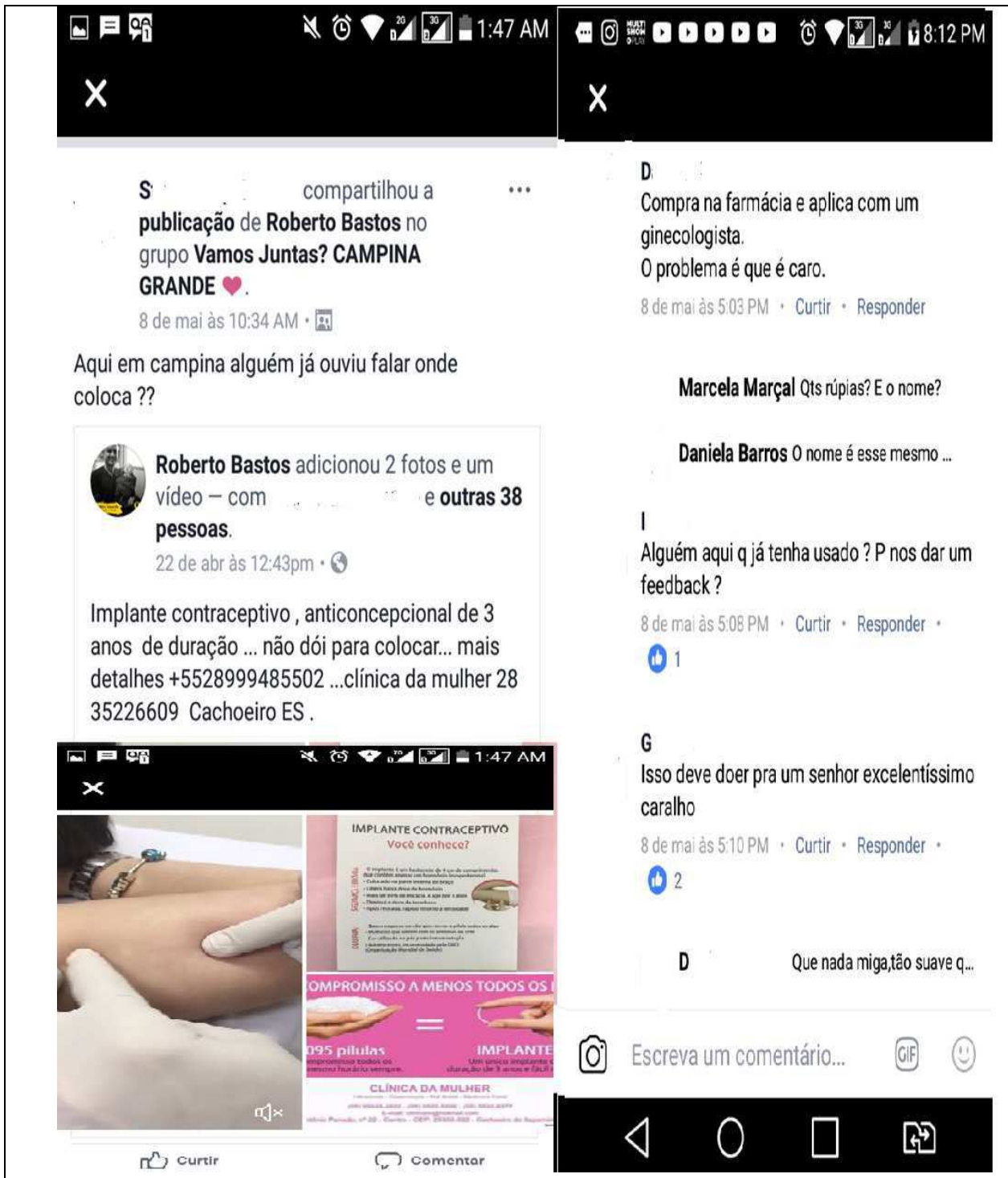
⁹ Consiste na concepção do poder das mulheres como forma de exigir equidade de gênero nos variados tipos de atividades sociais, de modo democrático e responsável. O empoderamento feminino é também um desafio às relações patriarcais, em relação ao poder dominante do homem e a manutenção dos seus privilégios de gênero. Este conceito luta por uma mudança na dominação tradicional dos homens sobre as mulheres, garantindo-lhes a autonomia no que se refere ao controle dos seus corpos, da sua sexualidade, da sua liberdade e etc.

formados pela união feminina se dá através das postagens (enunciados concretos) e comentários (réplicas) em que essas mulheres possam dar força umas às outras no que se pode entender como um discurso solidário e agregador. Para ilustrar a análise desses dados, convém conceituar a noção réplica encontrado em Voloshínov (1976, p. 09, itálicos do autor):

Todo enunciado real, verdadeiro, possui um sentido. (...) de acordo com o contexto este enunciado terá um sentido, a cada vez, diferente. Deixemos a nossos leitores a missão de buscar, eles próprios, exemplos onde a *mesma* expressão verbal possa ter *sentidos radicalmente diferentes* – significando em um momento estupefação, em outro momento indignação, ou ainda alegria ou mesmo tristeza. Isto significa dizer, em outras palavras, que tal expressão representará nossa resposta, nossa réplica, a situações e a eventos totalmente diversos.

A seguir trago um *print* da postagem de uma “mana” do grupo “Vamos juntas Campina Grande?”, O print compartilha com a ideia de Voloshínov (1976, p. 02), para quem: “a verdadeira essência da linguagem é o evento social da interação verbal e ela se encontra caracterizada em um ou vários enunciados”. Neste sentido, se tratando de interação, exponho a primeira das três postagens escolhidas, sendo esta como um exemplo de evento de interação verbal.

Figura 4 – A natureza interativa proporcionada na fanpage



Fonte: <https://www.facebook.com/groups/597287507105648/>

Acessado em 01/03/2017.

Na postagem da internauta “S”¹⁰, percebemos por ela o discurso através de uma notícia da própria internet com o objetivo de tirar dúvidas sobre o tal implante contraceptivo. Conforme Rubin (2010), aprovada em 1960 pela FDA, órgão norte-americano que controla os medicamentos, a pílula anticoncepcional foi uma grande responsável pela mudança da

¹⁰ Por questões éticas, apagamos os nomes das internautas das postagens usadas neste trabalho como *corpus*.

cultura, da política e da economia. Ainda, inspira novas tecnologias e debates, sendo assim, em pouco tempo o remédio começou a ser utilizado por mulheres que buscavam essa liberdade de escolha que não era bem vista na sociedade da época. Cerca de 500 mil recorreram ao Enovid entre 1957 e 1960, quando a FDA, aprovou a venda da pílula como o primeiro anticoncepcional ministrado por via oral.

Por trás da novidade, havia um grupo inusitado de pessoas como: Margaret Sanger, uma feminista de quase 80 anos obcecada pelo desejo de dar às mulheres o direito de controlar a própria fertilidade.

Figura 5 – Foto de militantes women’s liberation movement em uma das audiências realizadas nos anos 1970¹¹



Fonte: <https://www.nexojornal.com.br/explicado/2017/09/15/P%C3%ADlula-anticoncepcional-da-revolu%C3%A7%C3%A3o-sexual-%C3%A0-revis%C3%A3o-de-seu-uso>.

Acessado em: 10/09/2017.

No campo da saúde, o debate também fervia. Temores relacionados a câncer e trombose levaram a uma queda de 25% nas vendas da pílula nos anos 1970. Estudos posteriores concluíram que os benefícios da pílula superam os riscos — embora estes existam. Estima-se que mais de 100 milhões de mulheres tomem a pílula diariamente — seja para evitar uma gravidez, seja para o controle da acne ou da endometriose.

¹¹ As audiências ficaram conhecidas como Nelson Pill Hearings. Apenas homens, entretanto, foram convocados a testemunhar sobre a segurança da pílula. As sessões foram interrompidas repetidas vezes por protestos de mulheres do Women’s Liberation Movement, que demandavam ser ouvidas no processo.

Como visto historicamente, as mudanças e discussões sobre o uso dos contraceptivos até os dias atuais continuam a dividir lados, porém, boa parte das mulheres já estão mudando os métodos através de um movimento que vai contra não somente a pílula, mas também a reposição hormonal durante a menopausa, por medo de complicações futuras. Assim como, vemos também mulheres recusando tratamentos químicos nos cabelos, aderindo à transição capilar, ou preferindo coletores menstruais no lugar de absorventes. Com isso, estamos deparando com um movimento “pró-natureza”, que implica uma preocupação com nós mesmos, isto tem a ver com os questionamentos e as imposições que tentam regrar nossas vidas, como se depilar ou não ou ter um determinado tipo de corpo para ser aceita e se sentir amada e desejada. Muitas mulheres têm entrado neste movimento para quebrar as barreiras e os scripts de gênero e sexuais que nos são socialmente impostos como “naturais” e “desejáveis”.

Contudo, sejam por motivos de alto conhecimento e ideal feminino, ou ainda, cooperar com redução da quantidade de lixo (com as embalagens) no meio ambiente, como pode ser visto na figura da notícia em que mostra que o novo implante nos faz economizar três anos de pílulas e por fim, as contraindicações hormonais que tanto mechem com o organismo dessas mulheres, em que a pílula contraceptiva são dos mais desagradáveis: aumento de peso, queda da libido, aumento de pelos, dores mamárias. Estas são apenas algumas das reações mais comuns aos hormônios sintéticos. Quando piores, chegam a proliferar cistos e nódulos pelo corpo, e existem relatos de até mesmo a causar AVC e trombose.

Segundo Brandalise e Amaral (2017) da revista “ISTO É”, discutem em seu artigo¹² o porquê, após mais de meio século depois, muitas mulheres estão fazendo o caminho contrário, ou seja, deixando de utilizar a pílula. Com isto, segundo a ginecologista Halana Faria, do Coletivo Feminista Sexualidade e Saúde, “esse movimento de repensar métodos contraceptivos começou com a divulgação dos riscos de efeitos colaterais”. Ainda sobre para Halana, as mulheres têm tomado consciência sobre como são alijadas do direito de conhecer e decidir sobre o que é melhor para si. Veio daí o impulso para uma nova onda de mudança ligada à sexualidade feminina. Afirma a sexóloga, Abdo:

“É injusto que só a mulher seja responsabilizada pela proteção, já que ela e o homem estão envolvidos na relação sexual. Isso precisa ser discutido”
Carmita Abdo, sexóloga (grifo do autor)

¹² “Elas dizem não à pílula”. Disponível em: <https://istoe.com.br/elas-dizem-nao-pilula/>

Quanto a eles, segundo a matéria da “revista GALILEU”(2015)¹³ A ciência ainda não descobriu uma forma de controlar, com segurança, a fertilidade masculina. Dez anos, esse é o prazo para o desenvolvimento de uma pílula anticoncepcional para homens. É o que esperam pesquisadores da Universidade Monash, na Austrália, à frente de um estudo sobre duas proteínas que, uma vez bloqueadas, impediriam o transporte dos espermatozoides pelos canais deferentes, dos testículos até a uretra.

Conforme o esclarecimento histórico. Podemos enquadrar que o assunto abordado pela internauta do grupo faz jus ao que o grupo se interessa, criando com isto uma interação com as outras usuárias que ali estão para tirar suas dúvidas, aprender, discutir e informar sobre experiências com o tal objeto que faz parte do universo feminino.

Como já vimos, a ADD se posiciona numa postura analítica que adere a concepção de que o dialogismo é a capacidade de dialogar com o já dito e se reportar com o que ainda será dito, sendo assim podemos pensar “o já dito” como sendo a notícia exposta por “S”, se “reportando” com aquilo que inda será dito por a mesma, assim como as réplicas e/ou tréplicas utilizadas nos diálogos com outras usuárias do grupo, vejamos:

Destacamos o enunciado produzidos por “S”, em que tenta interagir com membros da *fanpage*, para lhe informar alguma experiência que alguma daquelas mulheres já tenham passado com o uso desse procedimento e a localizar a um local disponível para se fazer o processo desse novo contraceptivo. Vejamos o que “S” deixa claro: “aqui em Campina alguém já ouviu falar onde coloca”. E logo após, simplificando o caso, ela cola a notícia junto ao comentário, informa os termos, nome entre outras informações sobre o produto, sendo assim, para que se faça presente e bem explicado com imagens visuais e verbais do que se trata.

Com isto, destacamos a interação que surgiu com as outras “manas” que contribuem reforçando o pensamento interrogatório de “S”. Em seguida, verificamos em uma réplica de cunho hipotético através do seguinte enunciado de “G” – “isso deve doer para um senhor caralho”, ao usar o termo “deve” subjuntivo do futuro. No entanto, destacamos a tensão estabelecida pela “D” por sua réplica com expressões sintáticas que evidenciam o uso do produto “que nada miga, tão suave...”

¹³ 25/05/2015 - 17H05/ ATUALIZADO 17H1010 / POR AMARILIS LAGE. COMO A PÍLULA ANTICONCEPCIONAL MOLDOU O MUNDO EM QUE VIVEMOS HOJE. Copyright © 2016 - Editora Globo S/A

demonstrando, com isso, que é usuária do contraceptivo em questão, sendo assim, esta réplica diverge do enunciado hipotético de “G”, ao qual, cada palavra se apresenta como uma arena em miniatura onde se entrecruzam e lutam os valores sociais de orientação contraditória. As contribuições das demais “manas” sobre o assunto. Destacamos que “D”, informa a “S” onde se encontra e coloca o produto, sendo que através do discurso desta, podemos perceber em seu enunciado: “o problema é que é caro”. A significação se estabelece pela postura de que, de fato, infelizmente o produto não é para todo público/classe econômica. Sendo assim, sobre os discursos através do diálogo Brait (2006, p. 13-14) afirma que

[...] esmiuçar campos semânticos, descrever e analisar micro e macro-organizações sintáticas, reconhecer, recuperar e interpretar marcas e articulações enunciativas que caracterizam o(s) discurso(s) e indicam sua heterogeneidade constitutiva, assim como a dos sujeitos aí instalados. E mais ainda: ultrapassando a necessária análise dessa “materialidade linguística”, reconhecer o gênero a que pertencem os textos e os gêneros que nele se articulam, descobrir a tradição das atividades em que esses discursos se inserem e, a partir desse diálogo com o objeto de análise, chegar ao inusitado de sua forma de ser discursivamente, à sua maneira de participar ativamente de esferas de produção, circulação e recepção, encontrando sua identidade nas relações dialógicas estabelecidas com outros discursos, com outros sujeitos. Não há categorias a priori aplicáveis de forma mecânica a textos e discursos, com a finalidade de compreender formas de produção de sentido num dado discurso, numa dada obra, num dado texto [...]. As diferentes formas de conceber “enfretamento dialógico da linguagem” constituem, por sua vez, movimentos teóricos e metodológicos que se desenvolvem em diferentes direções.

A palavra revela-se, no momento de sua expressão, “como o produto da interação viva das forças sociais” (BAKHTIN/VOLOSHÍNOV, 2009, p. 67). Portanto, fica visto, com esse exemplo de interação natural por via *Facebook*, que todo enunciado é sempre dialógico. Embora que seja enunciado por um só interlocutor, sua estrutura semântica e estilística assume uma dimensão dialógica do discurso em função de um auditório de enunciados.

A visão de que o significado dos mais variados enunciados está na interação verbal corresponde a um dos princípios básicos da *ADD* denominado exotopia, isto é, o “estar do lado de fora”, o fato de que há uma limitação intransponível no olhar de quem enuncia e que só o outro pode preencher. Em outras palavras, o outro fornece o inacabamento da vida verbal, o que nos faz remeter ao conceito do dialogismo: a inseparavelmente dupla orientação de todo significado.

Vejamos outro exemplo.

Figura 6.1 – A Gordofobia

P **Vamos Juntas?**
CAMPINA GRANDE ❤️
7 de jun às 8:14 PM • 📍

[FEMINISMO] [GORDOFOBIA] [""SORORIDADE""]

(NOTA: fiz esse texto como postagem no meu perfil pessoal, e, depois de alguns dias lendo uns comentários por aqui, vi necessidade de compartilhá-lo por aqui também, porque muita coisa PRECISA ser dita por quem não aguenta mais.)

É o seguinte, eu tô bem pistola, então vai sair textão sim. Se não quiser ler, passa a timeline pra baixo que eu vou expôr e desabafar MESMO.

Toda essa história de Feminismo e sororidade é bem bonita na teoria, mas na prática não funciona bem como a gente espera. De um modo geral, o Feminismo prega mulheres lutando contra o patriarcado, e sororidade é o sentimento de proteção entre uma mulher e outra. Aprendemos a respeitar as diversas correntes do Feminismo, e que a gente tem que respeitar as lutas das mulheres negras, lésbicas, transexuais, as mães (solo ou não), as diferentes etnias e classes sociais. Lindo, e eu pratico isso até

engordei x quilos, eu estou parecendo um monstro marinho". Tem mais, mulheres que se dizem as ultimate feministas da internet postando foto de uma barriga seca e dizendo "eu estou uma baleia, me sinto horrível", que fala "ai amiga, é lógico que ele vai preferir você, você é mais bonita, olha como ela é gorda". Sinceramente, eu não sei se isso é pedir biscoito ou se a pessoa está se sentindo mal com o seu corpo mesmo, porque EU SEI que os padrões mexem com o psicológico de geral, sei mais do que ninguém. Mas eu também sei que, no século XXI, 2017, com tanta informação que vocês têm, eu acho que vocês já deveriam saber a diferença entre um corpo magro e um corpo gordo e aprender a medir as palavras pra não magoar as pessoas. Eu não desejo, PRA NINGUÉM, passar por nada do que eu passei na vida. Mas o que as FemiMisses não sabem, é que não é nada legal passar a adolescência sendo a amiga feia, sendo repreendida porque sentou pra comer um Mc, levando fora porque "eu não fico com gorda", deixando de ir à praia porque seu corpo sempre foi apontado como vergonha, andar achando que as pessoas estão rindo de você, pensar mil vezes nos outros antes de comprar uma simples roupa, atrasar a sua vida sexual porque te ensinaram a ter vergonha do seu corpo. As madames não sabem que,

Escreva um comentário...

pra quem foi gordo a vida toda, emagrecer não é tão fácil assim, e também não sabem o quanto é difícil pra gente se gostar depois disso tudo. Aí me vendem um discurso furado de que "todas somos lindas" e não podem engordar 10kg que vêm nas redes sociais despejar gordofobia. Olha minha querida, se você não está se sentindo bem, faça o possível para mudar. Mas pensa na tua amiga gorda UMA VEZ NA VIDA e entende que ela se sente mal cada vez que você negativa a imagem de qualquer corpo gordo por causa de uns quilos a mais. Ela entende aquilo tudo como se fosse com ela, e fica calada porque tem medo de perder a tua amizade, porque, ao contrário de você, ela te respeita. Sinceramente, não adianta você continuar tentando empurrar essa baleia de sororidade na goela dos outros enquanto você continua reproduzindo um discurso preconceituoso e que fere outras mulheres. É melhor você se analisar e parar de falar sobre uma coisa que você mesma não pratica, porque isso sim, é que é a verdadeira hipocrisia.

Beijos de luz.

Curtir Comentar

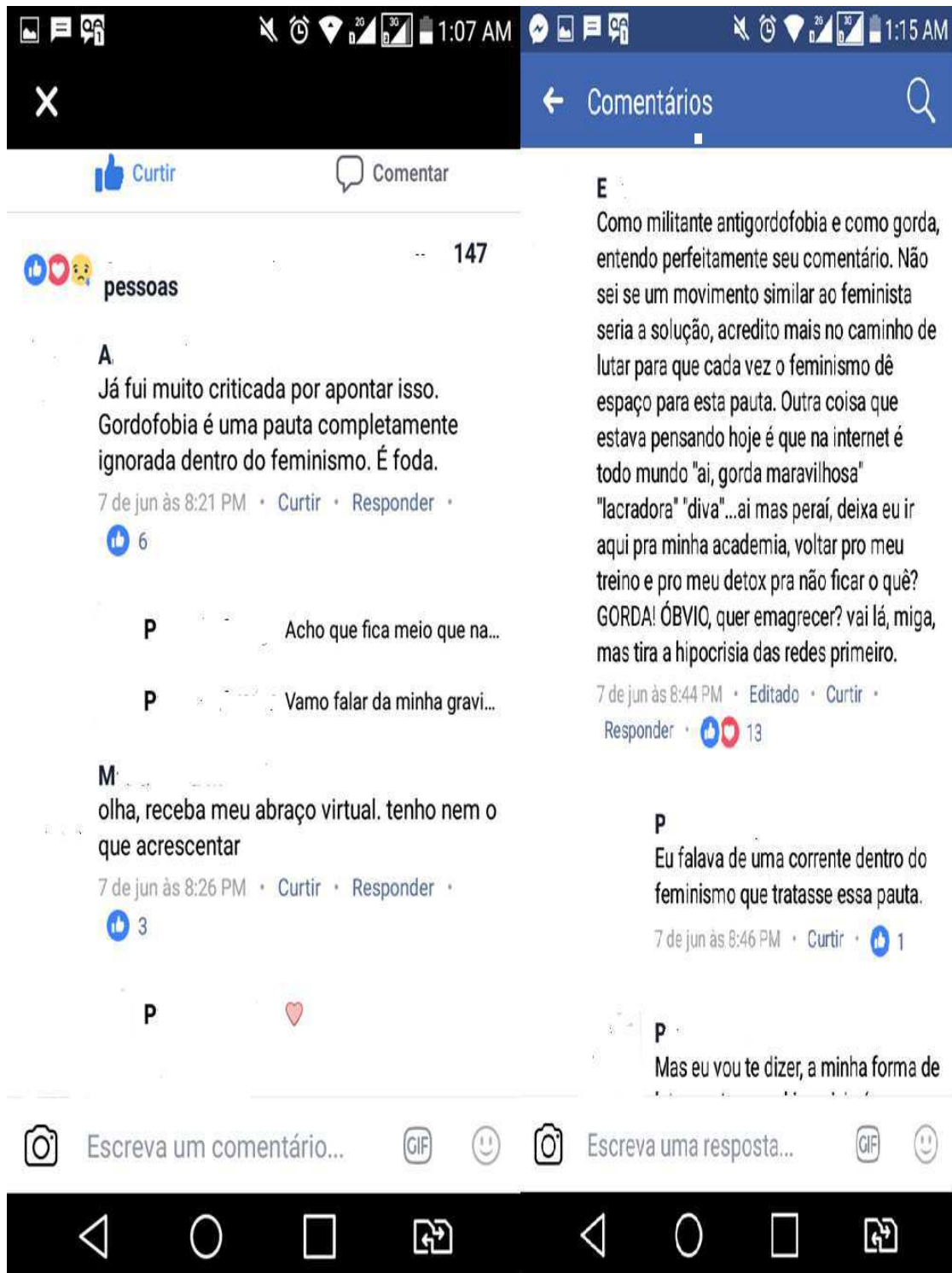
Escreva um comentário...

Escreva um comentário...

Fonte: <https://www.facebook.com/groups/597287507105648/>

Acessado em 01/08/2017.

Figura 6.2 – A Gordofobia



Fonte: <https://www.facebook.com/groups/597287507105648/>

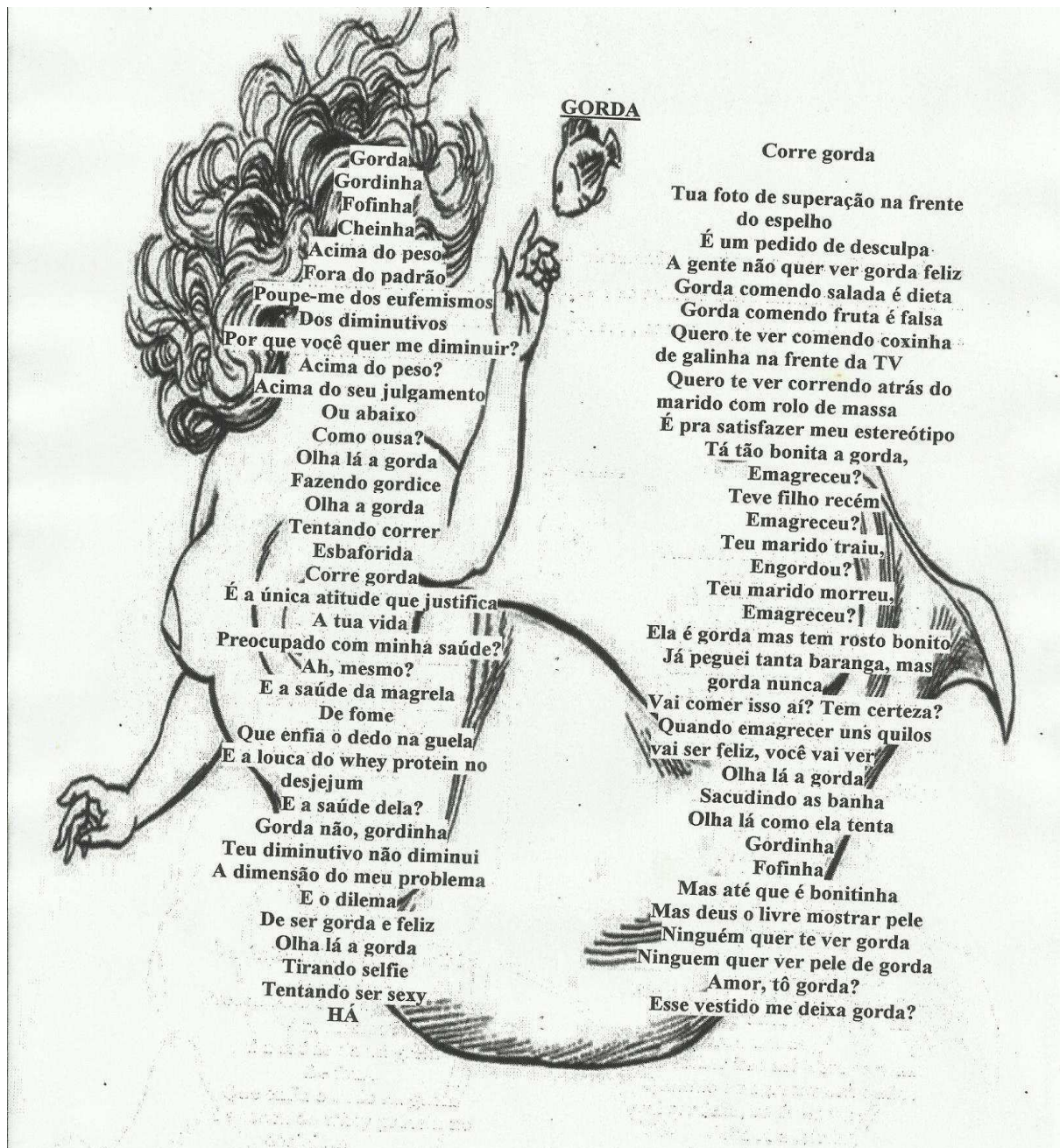
Acessado em 01/08/2017.

Conforme o projeto “as gordas também amam” publicado na web/jornalismo da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), milhões de mulheres que sofrem com a gordofobia deparam-se com o preconceito que o peso pode causar em todas as esferas da vida dessas. Sofrer discriminação na hora de arrumar

empregos, ter dificuldade em encontrar roupas ou ser ridicularizada na vida pessoal são situações comuns na vida dessas pessoas.

A seguir, apresentamos um poema que está circulando as redes sociais. Ele de forma poética retrata a maneira a qual a sociedade cobra e se refere a essas mulheres, sendo assim, como consequência, São nestas situações que podem ocorrer os piores e mais permanentes casos de baixa autoestima e depreciação.

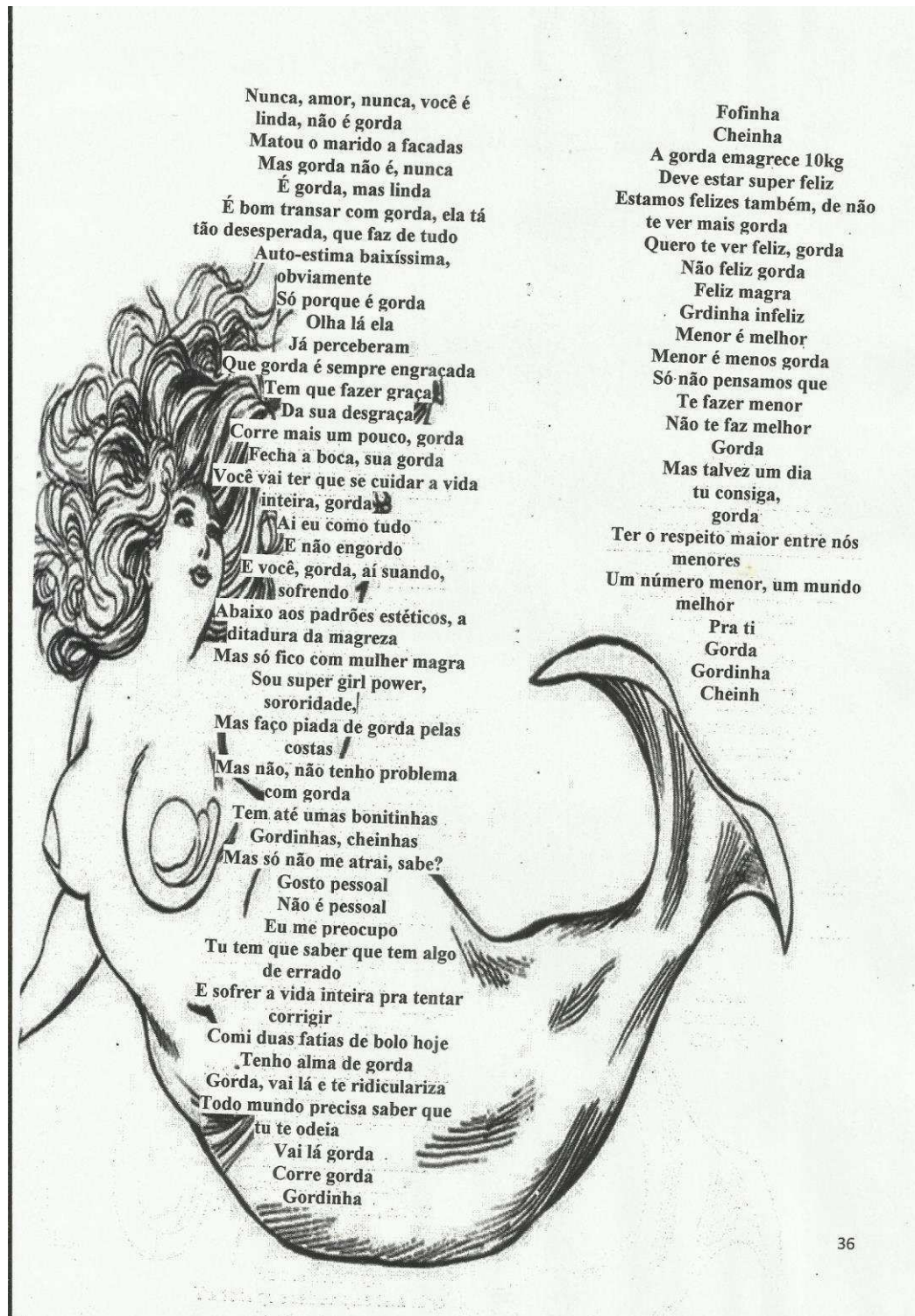
Figura 7.1 – Poema



Fonte: <https://www.facebook.com/asgordasid/>

Acessado em: 12/08/2017

Figura 7.2 – Poema



36

Fonte: <https://www.facebook.com/asgordasid/>
Acessado em: 12/08/2017

A nossa sociedade ainda considera esse tipo de segregação aceitável, partindo do pressuposto que peso é uma escolha pessoal e que estas críticas

ajudarão a pessoa a emagrecer e ser mais feliz, isto é, a maior parte da sociedade ainda vê pessoas gordas como desleixadas e doente. O que a população não entende é que é exatamente o estigma que cerca os gordos que pode deixá-los doentes.

Tereza Eickmann, autora do projeto “as gordas também amam” informa que Conforme um estudo publicado na edição de junho de 2015 da *Social & Personality Psychology Compass*, indica que pessoas que sofrem gordofobia têm maior probabilidade de desenvolver depressão, ansiedade, dependência química e baixa autoestima.

Em casos mais extremos, a mulher que sofre gordofobia pode desenvolver transtornos alimentares ou dismórfico corporal, que variam entre a compulsão alimentar e a anorexia. Já se sabe que a ditadura da magreza tem ligação direta com o aumento nos casos de anorexia, bulimia e vigorexia – dependência ao exercício físico – entre as mulheres. Por outra parte, o problema está focado na compulsão alimentar. Um estudo realizado pelo Departamento de Psicologia de Yale mostrou que mulheres que sofrem com o estigma do peso tem tendência maior a descontar as frustrações em comidas. O mesmo resultado pode ser encontrado em uma pesquisa realizada pelo Health Behaviour Research Centre, do Departamento de Epidemiologia e Saúde Pública da Universidade de Londres, além de diversos artigos já publicados. A descoberta vai diretamente contra a justificativa usada por gordofóbicos que estão sendo agressivos para motivar as mulheres gordas a perder peso.

Em se tratando do nosso *corpus*, o conteúdo da postagem publicada pela internauta “P” traz como enfoque o montante que representa o discurso em forma de desabafo. A jovem utiliza da indignação por participar de movimentos feministas em Campina Grande. Porém essas, segundo “P” não abraçarem a causa sobre o preconceito gordofóbico. “P” alega a ausência de sororidade feminina. Além disso, “P” cobra por companheirismo no meio feminista como podemos perceber no seguinte fragmento: “eu preciso dizer que não existe (ou pelo menos se existe, eu não conheço, e vocês podem me corrigir nos comentários), uma corrente feminista que trate APENAS das opressões sofridas pelas mulheres gordas”. Com isto, vemos o advérbio “apenas”, sendo utilizado em caixa alta para contemplar uma afirmação e descontentamento ao se tratar da questão da falta de sororidade dentro do feminismo ao se tratar desta questão, deixando claro que outras vertentes como a mesma cita em seu texto: “Aprendemos a respeitar as diversas correntes do

Feminismo, e que a gente tem que respeitar as lutas das mulheres negras, lésbicas, transexuais, as mães (solo ou não), as diferentes etnias e classes sociais. Lindo, e eu pratico isso até o ponto em que a minha desconstrução me permite”. Percebemos a integrante do grupo legitima as lutas das divergentes classes que se enquadram no feminismo e as respeita e defende-as como pode. Porém, contrário, deixa claro a falta de envolvimento das demais companheiras a tratar com a questão da gordofobia, essa a qual percebemos pelo discurso que “P” sofre para se defender constantemente sem receber o apoio coletivo das demais feministas.

Sabemos que, mulheres são ensinadas desde cedo a competir umas com as outras. Naturalmente, em muitos casos elas passam a acreditar que criticar o corpo das outras é perfeitamente aceitável. Embora esses comportamentos sejam absorvidos culturalmente – ou seja, não há nada na constituição genética do sexo feminino que cause esse tipo de atitude -, desconstruir essa postura continua sendo uma tarefa difícil. O movimento feminista está consciente disso, mas é comum identificar atitudes similares entre ativistas, especialmente quando o assunto é gordofobia. Nesse aspecto, ser feminista não proporciona nenhuma garantia de estar livre da gordofobia entre mulheres.

Continuando com as justificativas bem colocadas, “P” nos relata um exemplo ao qual mesmo que talvez sem pensar corretamente é normal se vê comentário desse tipo: ”passando por páginas feministas no facebook, eu vi um relato de uma mãe que fala o quanto é difícil lidar com as dificuldades da maternidade. Eu achei o texto incrível, até ela dizer mais ou menos assim: "eu engordei x quilos, eu estou parecendo um monstro marinho".

Temos o dever de conscientizar a população e mostrar que brincadeiras e comentários “inocentes” podem ter consequências enormes no psicológico das pessoas. (EICKMANN, 2017)

Nesse trecho, percebemos o quanto ofendida se sente a usuária, por mais que seja por certo um comentário sem pretensões de ofensas, é escrito para que qualquer um leia, e talvez mesmo que ingenuamente, a autora desse não calcule a gravidade do seu discurso, certamente alguma mulher gorda ao lê-lo se ofenderá de maneira brutal. A mulher que está acima do peso ou até mesmo mais gorda que a autora do infeliz discurso ao está pesando mais que o normal, por esta grávida, se compara a um monstro, sendo assim, em provável, quem o ler se colocará na situação de “eu sou um mostro”, pois não pertence ao padrão hegemônico de

beleza, isto é, o corpo magro como único estereótipo ‘digno’ de amparo. Sendo assim, todos esses fatores configuram um desrespeito a maior parte da população brasileira, já que, segundo levantamento do IBGE, 56,9% das pessoas estão “acima do peso”.

O antropólogo social José Carlos Rodrigues, em seu livro *Tabu do Corpo* (Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; 2006. 154 p.), escreveu que “a cultura dita normas em relação ao corpo; normas a que o indivíduo tenderá, à custa de castigos e recompensas, a se conformar até o ponto de estes padrões lhe apresentarem como naturais”. Em um mundo globalizado, a cultura – e as normas inclusas nela – se torna cada vez mais poderosa, atingindo uma quantidade maior de pessoas de uma única vez. Dessa forma, o mundo ocidental e parte do mundo oriental foram inundados pelo culto ao corpo magro. (de, as gordas também amam, 2017)

Levamos como ensinamento que a palavra é o fenômeno ideológico por excelência, pois carrega uma carga de valores culturais que expressam as divergências de opiniões e as contradições da sociedade, tornando-se assim um palco de conflitos discursivos dialógicos. Ela, no entanto, não pertence a ninguém, estando a serviço de qualquer indivíduo e de qualquer juízo de valor.

A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial. É assim que compreendemos as palavras e somente reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida. (BAKHTIN, 2011, p. 95)

Seguindo o pensamento bakhtiniano, podemos analisar e exemplificar a carga ideológica que a palavra carrega no enunciado. Em mais um trecho do desabafo, “P” menciona que: “Eu não desejo, PRA NINGUÉM, passar por nada do que eu passei na vida. Mas o que as FemiMisses não sabem, é que não é nada legal passar a adolescência sendo a amiga feia, sendo repreendida porque sentou pra comer um Mc, levando fora porque “eu não fico com gorda”, deixando de ir à praia porque seu corpo sempre foi apontado como vergonha, andar achando que as pessoas estão rindo de você, pensar mil vezes nos outros antes de comprar uma simples roupa, atrasar a sua vida sexual porque te ensinaram a ter vergonha do nosso corpo”. Nesta colocação observa-se que “P” utiliza, etimologicamente, “femi” de “fêmea”, que veio do L. FEMELLA, “jovens do sexo feminino”, de FEMINA, “mulher”. “Feminino” e “feminismo” são outros derivados. + o substantivo do plural da palavra “misses” que conhecemos no Brasil como: jovem ou mulher que é premiada num

concurso de beleza, esta nomenclatura derivando da palavra inglesa “miss”, em que significa uma forma de tratamento dada a uma jovem ou a uma mulher solteira.

Com essa astuciosa construção linguística da palavra “femimisses” temos uma visão irônica deixada pela usuária em questão, deixando implícito que certas feministas têm vergonha do seu corpo e contemplam a ditadura da beleza, visto como uma miss sendo o padrão correto de beleza a se seguir, ou seja, esse fenômeno linguista pode ser explicado por Bakhtin como a heterogeneidade enunciativa mostrada, que é a presença localizável do discurso outro no fio do discurso, pode ser subdividida entre a marcada e a não marcada. Sendo que, marcada é aquela que está explicitamente representada no discurso, pode ser pelo uso de aspas, pelo discurso direto ou indireto etc., o importante é que esta forma estará claramente marcada no fio do texto. Por outro lado, a não-marcada será aquela em que percebemos a utilização do outro, mas não identificamos de maneira clara, isso ocorre no discurso indireto livre, nas alusões, ironias etc.

Com isto, Bakhtin surge com a questão da heterogeneidade, do dialogismo e dos contextos sócio-históricos inerentes à discursividade, sabendo que o sujeito não é a fonte absoluta do significado, do sentido, não é a origem, pois ele se constitui por falas de outros sujeitos. Logo, o sujeito é resultante da interação de várias vozes, da relação com o sócio-ideológico, portanto tem caráter heterogêneo.

Percebemos que o todo o discurso da “P” é notavelmente bem escrito e informativo, o que nos deixa acreditar que se trata de uma garota acima do peso, que já foi muito maltratada pela imposição da sociedade quanto a beleza e por não se encaixar nesses padrões, procurou sororidade no feminismo, um apoio significativo para amparar a sua angústia e por não se satisfazer pôr o pouco que isso está sendo defendido e discutido no meio feminista, retrata a sua insatisfação com a corrente. Fiorin (2006, p. 29) alerta-nos que,

todo conhecimento humano está comprometido com interesses sociais. Tal constatação encerra uma dimensão mais ampla no que diz respeito ao conceito de ideologia; ela é uma “visão do mundo”, ou seja, a perspectiva de uma classe social em relação à determinada realidade, o modo como uma classe organiza, justifica e explica a ordem social.

Portanto, para a ADD, o sujeito é essencialmente ideológico e histórico, pois está inserido num determinado lugar e tempo. Sendo assim, ele vai posicionar o seu discurso em relação aos discursos do outro, estando inserido num tempo e espaço

socialmente situados. No ligamento entre o linguístico e o social, a enunciação passa a ser um fator relevante para a interpretação e para a constituição do sujeito. Na perspectiva bakhtiniana de linguagem, pode-se dizer que todo discurso é dialógico por natureza, pois segundo o autor a heterogeneidade que o outro constitui que são todos que passaram pela sua vida, e tudo o que leu, estudou. Em seu enunciado cruzam-se os dizeres de outros. Ou seja, é a manifestação explícita de diferentes vozes: o sujeito, no momento em que fala, escreve, traz para o seu dizer alguns outros.

No que diz respeito às réplicas da réplica (internautas que se posicionam sobre o fato tendo como referência comentários já feitos por outro internauta), destacamos os enunciados produzidos por “A” que concorda com a “P”, diz: “Já fui muito criticada por apontar isso. Gordofobia é uma pauta completamente ignorada dentro do feminismo. É foda”. Sendo assim, “P” replica mais uma vez a colocação enunciada, como pode ser revisto no seguinte trecho: “Acho que fica meio que na "zona de conforto". Tem uma ou duas manas gordas empoderadas, pronto, já não é preciso mais falar de gordofobia”. Ainda nos fragmentos, observamos uma manifestação no discurso da internauta “E” que em certo ponto se rebela e treplica: “Como militante antigordofobia e como gorda, entendo perfeitamente seu comentário. Não sei se um movimento similar ao feminista seria a solução, acredito mais no caminho de lutar para que cada vez mais o feminismo dê espaço para essa pauta. Outra coisa que estava pensando hoje é que na internet é todo mundo “aí, gorda maravilhosa” “lacradora” “diva”... ai, mas peraí, deixa eu ir aqui pra minha academia, voltar pro meu treino e pro meu detox pra não ficar o quê? GORDA! OBVIO, quer emagrecer? Vai lá, miga, mas tira a hipocrisia das redes primeiro”. Notamos no fragmento “Não sei se um movimento similar ao feminista seria a solução, acredito mais no caminho de lutar para que cada vez mais o feminismo dê espaço para essa pauta”. “E”, nesse momento, utiliza da contrarréplica, pois não está a concordar plenamente com “P”. Segundo Bakhtin (1998, p. 131), “a compreensão é uma forma de diálogo; ela está para a enunciação assim como uma réplica está para a outra no diálogo. Compreender é opor à palavra do locutor uma “contrapalavra”.

Conforme Vera Lúcia Pires, em seu artigo “Dialogismo e alteridade ou a teoria da enunciação em Bakhtin” é colocada a importância em atentar para o significado de diálogo em Bakhtin como um princípio geral da linguagem, de comunhão solidária e coletiva, mas sem passividade e não apenas como a comunicação ou a troca de

opiniões vis-à-vis entre parceiros. O fenômeno social da interação é a realidade fundamental da linguagem, realizando-se como uma troca de enunciados, na dimensão de um diálogo e através da enunciação.

Para finalizar a análise ora empreendida, apresentamos o último exemplo.

Figura 8 – Abuso/Assédio

Vamos Juntas? CAMPINA GRANDE
qui às 10:33 AM

[Relato] [Indignação] [Abuso] [alerta]

Bom dia meninas, peço que tomem cuidado quando estiverem em supermercados grandes e de muito movimento. Ontem estava eu e minha esposa fazendo compras, no Rede Compras próximo a Catedral, quando de repente um tumulto e muita gente falando em voz alta.
Um cara de uniforme azul, não se sabe de qual empresa, ejaculou na perna de uma jovem, quando a mesma estava em uma das filas de um caixa. Ele se aproveitou que a moça estava ao telefone, ainda disse aos que viram ele com atitude suspeita que estava com ela, e ninguém fez nada porque acharam que ele era marido da mesma, devido a proximidade. Só que não era, ele cometeu o ato e saiu correndo. Quando a moça percebeu (e eu fico me perguntando se ela não tava sentindo esse cara tão próximo) ele já tava longe e ela toda melada na parte da perna.

Vamos a indignação: o que foi feito? NADA. Ela ficou tão pasma, acuada ou algo assim, que não denunciou,

Vamos a indignação: o que foi feito? NADA. Ela ficou tão pasma, acuada ou algo assim, que não denunciou não pediu as filmagens, não gritou na hora, NADA. Ela foi limpar a perna, uma moça que trabalha na área de serviços gerais, limpou o que ficara no chão e a mesma permaneceu na fila até passar suas compras, sempre ao telefone, não sei se chamando alguém. É triste. Eu, minha esposa e mais algumas mulheres, ficamos o tempo todo falando com ela, pra que ela tomasse alguma atitude, denunciasse, pedisse as filmagens e entregasse a polícia, assim identificaria o cretino que fez isso, e que com toda certeza não é a primeira vítima dele. TÁ GRAVE DEMAIS!!! Tomemos extremo cuidado e tenhamos atenção. E em qualquer situação de abuso, DENUNCIE. É a impunidade que alimenta esses tipos de seres calhordas, imundos <0>

Curir Comentar

← Publicações

N
Ou seja foi um "modismo" criado da impunidade, pq depois do caso amplamente divulgado do sujeito la que foi liberado pelo juiz, agora estao divulgando muitos casos desse, sera que todos depois de uma cirurgia e ter ficado em coma aprenderam essa safadesa???

qui às 10:57 AM · Curir · Responder · 2

W
Que ódio desses machos viu

qui às 11:01 AM · Curir · Responder · 3

Y
Que nojo ! E virou moda foi ? Não acredito.

qui às 11:02 AM · Curir · Responder · 1

G
J

qui às 11:07 AM · Curir · Responder · 2

← Comentários

L
Que duplamente triste, um homem encorajado pelo machismo e descaso do poder público e uma mulher acuada pelos mesmos motivos. 😞

qui às 10:41 AM · Curir · Responder · 11

J
Exato. E existe quem diga que não existe machismo 😞

qui às 10:43 AM · Curir · Responder · 1

Escreva um comentário...

Fonte: <https://www.facebook.com/groups/597287507105648/>

Acessado em 04/09/2017.

Em nossa última análise temos a internauta “J”, que relata para as demais, uma situação que presenciou em Campina Grande – PB, na fila de um supermercado localizado no centro da cidade e bem frequentado por todos os níveis

sociais. Partindo do perfil da moça através de seu enunciado, podemos identificar na internauta por meio da frase “Ontem estava eu e minha esposa fazendo compras”, que essa se trata de uma mulher lésbica, assumida e bem resolvida quanto a sua identidade de gênero. Segundo Bakhtin (2005), conseguimos identificar essa visão dialógica que supera a descrição dos elementos estritamente linguísticos e busca incluir também os elementos extralinguísticos que, direta ou indiretamente, condicionam a interação nos planos social, econômico, histórico e ideológico. Em Bakhtin, toda produção cultural só pode existir no interior da linguagem. Isto é, a moça não necessita escrever que se trata de uma lésbica, mas nos deixa traços/elementos extralinguísticos que denunciam sua situação de maneira indireta.

“J” inicia seu relato alertando as demais mulheres sobre o acontecido: “peço que tomem cuidado quando estiverem em supermercados grandes e de muito movimento”. Continua o relato descrevendo como o cara assediou e as características físicas possíveis desde: “Um cara de uniforme azul, não se sabe de qual empresa, ejaculou na perna de uma jovem, quando a mesma estava em uma das filas de um caixa”. A indignação de “J” foi pelo fato de o cara apenas sair e nada ser feito quanto a isso. Ao perceber que o homem havia secretado na perna a moça se colocou em choque e segundo “j” todos da fila foram aconselhar a moça a denunciar o caso,

Replicando o caso, “L” se pronuncia lamentando o acontecido que, segundo ela, é encorajado pelo machismo e descuidado pelo poder público. Com isso “J” comenta: “Exato. E existe quem diga que não existe machismo”. O discurso das meninas é pautado no machismo, pois, apesar das várias conquistas femininas infelizmente ainda vivemos em uma sociedade inflexível e moralista, que reflete o machismo predominante em nosso meio. Conscientizar as mulheres sobre a realidade machista ainda presente na sociedade é uma das tarefas dos movimentos sociais feministas, mas cobra um esforço coletivo de fatores sociais para uma transformação profunda. As mulheres precisam ganhar confiança para compreenderem o que está por trás da violência que estão sofrendo. Sem medo ou vergonha do que passa ou passou. Como o caso da moça escrito pela “J”, ela mesmo com suporte de convencimento das pessoas que presenciaram a violência sofrida, não quis se expor, provavelmente por vergonha.

Outras “manas” também se indignam e repudiam o caso. Uma delas, a “V”, escreve em seu enunciado ao lembrar das ondas de violência e estupro que

aconteceram próximo a data do relato da moça no supermercado de Campina Grande: “que nojo! E virou moda foi? Não acredito”. Ainda sobre esses casos que estão aterrorizando as mulheres de todo Brasil, “N” replica: “ Ou seja, foi um “modismo” criado da impunidade, pq depois do caso amplamente do sujeito lá que foi liberado pelo juiz, agora estão divulgando muitos casos desses será que todos depois de uma cirurgia e ter ficado em coma aprenderam essa safadeza???”.

A indignação das “manas”, dialogando sobre esses vários absurdos contra mulher que vem acontecendo ultimamente se replicam das mais diversas formas. Mas, agora vamos tentar entender o que são esses acontecimentos que estão deixando essas mulheres bastante apreensivas:

Figura 9 – Mulher é assediada em São Paulo

Segunda mulher é atacada em ônibus na avenida Paulista em menos de 24 horas. Site UOL, em São Paulo 30/08/2017. Veja mais em <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2017/08/30/avenida-paulista-tem-segunda-mulher-atacada-em-onibus-em-pouco-mais-de-24-horas.htm?Cmpid=copiaecola>.



Fonte: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2017/08/31/vitima-de-assedio-sexual-em-onibus-diz-que-foi-amparada-por-mulheres-nao-vamos-nos-calar-mais.htm>.

Acessado em: 27/08/2017

Partimos nossa exemplificação sobre o caso que se vê na notícia retirada da página WEB do UOL. Assim, como a alerta da internauta da página “Vamos juntas?” nos descreve, pouco se vê diferença entre os casos, pois são, ambos assédios em lugares públicos com vítimas do gênero feminino e acusados do gênero masculino.

Ainda na página titulada como “cotidiano”, logo de cara nos deparamos com três notícias de violência contra mulheres em lugares públicos, o que nos faz refletir sobre o título que está sendo utilizado para noticiar esses lamentáveis fatos, “cotidiano”, ou seja, algo que é muito comum ou banal. Isso é no mínimo assustador, pensarmos que vivemos diariamente sujeitas a violências desse tipo sem infligir penas severas aos acusados.

Segundo a senadora Simone Tebet (PMDB-MS), de acordo com estudo divulgado pelo Banco Mundial, é mais fácil uma mulher com idade entre 14 e 44 anos ser estuprada do que ser vítima de câncer ou acidente. E essa realidade global se repete no Brasil. A cada 11 minutos uma mulher é estuprada Brasil. Sendo, 130 mulheres estupradas todos os dias. E isso são dados subnotificados, porque as pesquisas mostram que apenas 10 % das mulheres violentadas e estupradas têm coragem de denunciar. E apenas 35% das mulheres que apanham dos seus companheiros têm também.

O que nos deixa ainda mais desoladas é saber que nenhum comportamento das vítimas pode justificar, em hipótese alguma, o crime de estupro. Num país machista como o Brasil, quando uma mulher usa roupa justa ou curta, veste peças com decotes e transparências, ela está “pedindo por isso”! Segundo o site azmina, conforme uma pesquisa divulgada pela Datafolha, esse cenário machista não está perto de mudar. Segundo o levantamento, 30% dos brasileiros concordam com a frase “A Mulher que usa roupas provocativas não pode reclamar se for estuprada”. E o pior: 30% dos homens e 30% das mulheres pensam assim. Já a frase “Mulheres que se dão ao respeito não são estupradas” teve a concordância de 42% dos homens e 32% das mulheres. O que ambas as frases indicam é que se coloca a culpa do estupro na mulher, por suas roupas ou comportamento e que isso está tão naturalizado na sociedade, que até as algumas mulheres pensam desta forma, isso nada mais é que reflexo da “cultura do estupro¹⁴”.

O estupro configura-se num crime contra a liberdade sexual. Popularmente, as pessoas entendem o estupro como um ato sexual não consensual. Sendo essa

¹⁴ A cultura do estupro aponta comportamentos que são naturalizados e que atentam contra a liberdade sexual das mulheres.

interpretação equivocada, pois no próprio Código Penal o conceito de estupro é mais amplo. Ele é classificado como o ato de “constranger alguém, mediante violência ou grave ameaça, a ter conjunção carnal ou a praticar ou permitir que com ele se pratique outro ato libidinoso” (Art. 213 da Lei Nº 12.015/2009).

Entre os muitos dispositivos desse projeto de lei, destaca-se seu artigo 13, o qual se contrapõe à excludente de punibilidade de aborto realizado em decorrência de contracepção mediante estupro, segundo a previsão do artigo 128, inciso II, do Código Penal Brasileiro. Tal projeto prevê ainda que, em casos de identificação do agressor, o nascituro fará jus à pensão alimentícia fornecida pelo mesmo, ou seja, estabelece vínculo obrigacional entre vítima e agressor. Resguardada as devidas proporções, tal qual o fazem os dispositivos que entendem a consagração matrimonial excludente da punibilidade do crime de estupro. Ao ser vítima de violência sexual, a mulher pode adquirir sequelas que se estendem no tempo, sejam elas de natureza física ou psíquica, como doenças sexualmente transmissíveis ou stress pós-traumático, como também uma gravidez indesejada. Essa última, em tese, se de escolha da ofendida, pode ser interrompida sob o amparo da lei e do sistema de saúde público, não garantindo, contudo, que tal situação venha ser psicologicamente superada pela mulher. O Estatuto do nascituro intenciona extrair esse direito tão duramente conquistado, estabelecendo ligação patrimonial entre vítima e estuprador, como se a gravidez indesejada lhe concedesse obrigações típicas da paternidade.

A mulher é abordada por homens desde sempre. Isso ocorre nas ruas, no trabalho, na escola, no transporte público etc. O “fiu-fiu”, o abraço “apertado” do colega de trabalho, o beijo no rosto forçado pelo cliente, a proximidade “acidental” dos corpos masculinos nos transportes públicos são apenas alguns exemplos. Os homens, ao se sentirem à vontade para abordar as mulheres em qualquer espaço e contexto, atentam contra a liberdade sexual delas.

Segundo uma matéria da “Superinteressante”, o estupro é o único crime onde a vítima é julgada junto com o criminoso. A segurança que todo cidadão sente ao procurar a polícia quando é furtado ou assaltado não existe para as vítimas de estupro. Ao contrário da maioria dos crimes, onde a vítima precisa apenas informar às autoridades o que sofreu e essas autoridades entendem o seu relato como algo legítimo, as vítimas de estupro não são legitimadas já de início. E esse é um dos fatores para que essas mulheres se acanhem a denúncia.

A disparidade de direitos entre os gêneros é uma das características mais antigas e mais comuns das sociedades modernas. Mesmo no Ocidente, berço dos direitos humanos, com destaque para os direitos individuais, a opressão da mulher pelo homem persiste com as amenizações conquistadas através das lutas feministas e dos movimentos de mulheres ao longo dos séculos. Já no período imediatamente posterior à Revolução Francesa, a gerondina Olympe de Gouges afirmava, através da Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã, que se a mulher pode subir ao cadafalso, ou seja, sofrer a pena de morte, deve também ter o direito de subir à tribuna, ou seja, de manifestar-se publicamente acerca dos assuntos políticos. (HUNT, 2009).

Ainda de acordo com a autora, a construção dos direitos humanos deu-se de forma quase silente quanto aos direitos das mulheres. Enquanto diversos grupos oprimidos, como negros, judeus e estrangeiros, ganhavam cada vez mais entusiastas em sua causa, as mulheres simplesmente não eram vistas enquanto categoria política.

Triste ainda é ver em nosso país que mesmo tendo o amparo da lei como a aclamada Lei Maria da Penha (Lei nº 11.340/2006, de 7 de agosto de 2006), criada para coibir todas as formas de violência contra a mulher, muitas dessas vítimas de violência, diante do medo ou vergonha, independente de posição social, posição política, raça ou credo, se calam, o que permite que a violência passe a ser um ato normal para o seu agressor e, assim, vista por muitas outras mulheres como ocorrências do cotidiano, o que é um absurdo, pois devemos nos unir, gritar, exigir nossos direitos e respeito, com isto, é premissa máxima da vida a dignidade e respeito, lugar de mulher é onde ela quiser!

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em nossas análises pudemos constatar que as postagens apresentam-se muito diversificadas, embora que englobe um mesmo público em relação às suas materialidades discursivas, razão pela qual foram separadas em três grupos de análise, são postagens que, pelo viés de relato, informação e indignação cumprem por meio da interação, defendida como sororidade.

Ainda vale salientar que constatamos nesta análise, a partir da concepção de discurso como produto de relações dialógicas, a possibilidade de perceber a sororidade feminina, assim como as divergências sofridas por ser mulher, elencadas por meio da concepção de discurso: de que os enunciados são postos a circular e significar no ambiente sócio-histórico por meio de uma relação dialógica que os concebe e lhes permite a criação de réplicas que produz ou não outro sentido.

As relações dialógicas que ocorrem entre os enunciados que circulam pela sociedade dialogam para a constituição do discurso feminista e, dessa maneira, criar novas significações, ou melhor, atribuir novos sentidos ao já dito, como acontece com o gênero postagem, que se apropria de diferentes discursos dispersos para formar o discurso defendido por um “eu”, objetivando tocar os grupos sociais em que vivem. Dessa forma, percebemos, por meio das análises, que cada postagem e réplicas fizeram emergir diversos outros discursos que circulam socialmente sobre a situação do sistema patriarcado, sistema inegavelmente político, econômico, cultural, simbólico e cotidiano que atinge a todos e todas nós.

Apareceram, desse modo, nos 3 comentários e réplicas analisados, não apenas no discurso envolvido naquele momento, como também nos foi inevitável mostrar a quanto tempo e como essas três reivindicações demonstradas em nosso trabalho, à luz do feminismo e da sororidade delas, se proclamarem como feministas, pois através disso, elas marcam um lugar político, institucional e de criação de sujeito histórico. Sendo assim, marcando um lugar da minha própria liberdade em nome de uma bem maior que é causa das mulheres oprimidas, maltratadas, subjugadas, violentadas pelo sistema que aqui chamamos nesse contexto de patriarcal.

A realização deste trabalho esteve pautada pelo interesse em reunir perspectivas teórico-metodológicas da ADD importantes para o estudo da

linguagem. O discurso dialógico, a interação verbal, o sujeito ideológico. O objetivo de analisar esse cenário dialoga com a construção da identidade das mulheres e suas lutas, infelizmente (sem apelar a misandria¹⁵) a “lógica da dominação masculina” sempre precisará atacar o feminismo. Além de que um conservador nunca irá suportar a ideia do feminismo, pois o feminismo é revolucionário.

Constatamos que os enunciadores dos comentários analisadas, ao fazerem uso de enunciados já citados, trazem para o seu discurso campos semânticos de fatos sociais do universo feminino. Assim, devemos considerar o lugar em que é produzido, o sócio-histórico e ideológico dos sujeitos. Identificamos, com isso, que o sujeito, ao fazer uso do discurso num dado contexto, constitui o que Bakhtin diz: o “eu” está sempre em relação ao “outro” nos processos discursivos, instituindo o caráter dialógico.

¹⁵ É válido salientar que em nenhum momento utilizamos para ofender os homens a **Misandria** é a **repulsa, desprezo** ou **ódio contra o sexo masculino**. Esta é uma forma de aversão patológica aos homens, enquanto gênero sexual, sendo considerada o oposto da misoginia, que é o sentimento de repulsa e ódio pelo sexo feminino. Etimologicamente, o termo "misandria" surgiu do grego *misosandrosia*, composto pela junção das partículas *misos*, que quer dizer "ódio", e *andros* que significa "homem". (Significados: descubra o que significa, conceitos e definições. © 2011-2017)

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

_____. **Para uma filosofia do ato**. São Carlos - SP: Pedro & João, 2010.

_____; VOLOCHÍNOV, V. N. **Marxismo e Filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 13. ed. São Paulo: HUCITEC, 2009.

_____. **Questões de literatura e de estética**: a teoria do romance. Trad. Aurora F. Bernardini *et al.* 4. ed. São Paulo: Editora da UNESP, HUCITEC, 1998.

_____. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981.

_____; VOLOCHINOV, V. N. **Discurso na vida e discurso na arte**. Tradução de Carlos Alberto Faraco & Cristóvão Tezza. Circulação restrita, 1926.

BARROS, D. L. P. **Contribuições de Bakhtin às teorias do texto e do discurso**. In: FARACO, C. A; TEZZA, C, CASTRO, G. (Orgs.). **Diálogos com Bakhtin**. Curitiba: UFPR, 2007, p. 21-38.

BERTOLIN, P. T. M; ARAÚJO, H. R; KAMADA, F. L. As Políticas Públicas para a Promoção da Igualdade de Gênero no Brasil. In: SMANIO, G. P.; BERTOLIN, P. T. M. (Orgs.). **O Direito e as Políticas Públicas no Brasil**. São Paulo: Atlas, 2013. p. 404-434.

BRASIL. Lei nº 10.406, de 2002. **Código Civil**. Brasília, 2002.

_____. **Código Penal**. Organização por Antonio Luiz de Toledo Pinto. São Paulo: Saraiva, 2005.

_____. **Constituição da República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, Senado, 1988.

_____. Lei nº 4.121, de 1962. **Estatuto da Mulher Casada**.

_____. Lei nº 6.015, de 1973. **Lei de Registros Públicos**. Brasília, 31 dez. 1973.

_____. **Superior Tribunal de Justiça**. Acórdão nº AgRg no AREsp 160961 PI 2012/0072682-1. Diário da Justiça Eletrônico. Brasília, 06 ago. 2012.

BRAIT, B. Reflexões dialógicas: de olho no verbal, piscando para a imagem. In: MACHADO, I. L.; MENDES, E. (Orgs.). **Discurso e imagem**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2012, p. 02-85

_____; MELO, R. **Enunciado/enunciado concreto/enunicação**. In: _____. (Org.). **Bakhtin**: conceitos-chave. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2012, p. 61-78.

_____. **Análise e teoria do discurso.** In: _____. (Org.). **Bakhtin: outros conceitos-chave.** São Paulo: Contexto, 2006, p. 09-32.

_____. **Bakhtin: dialogismo e construção do sentido.** 2 ed. rev. São Paulo: Campinas - SP, Editora da UNICAMP, 2003a.

_____. Bakhtin e a natureza constitutivamente dialógica da linguagem. In: _____. (Org.). **Bakhtin, dialogismo e construção do sentido.** Campinas - SP: Editora da UNICAMP, 2003b, p. 87-98.

CUCHE, D. **A Noção de Cultura nas Ciências Sociais.** EDUSC, Bauru - SP, 1999.

Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. 2008-2013. Disponível em < <https://www.priberam.pt/dlpo/misses> >. Acesso em 29 jul.2017.

FACEBOOK. Company Info /Facebook Newroom. 2014. Disponível em: <<http://newsroom.fb.com/company-info/>>. Acesso em: 20 fev.2017.

FARACO, C. A. **Linguagem e Diálogos: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin.** São Paulo: Parábola, 2009.

FERNANDES, C. A. **Análise do discurso: reflexões introdutórias.** 2. ed. São Carlos - SP: Claraluz, 2008.

FIORIN, J. L. Polifonia textual e discursiva. In: BARROS, D.; FIORIN, J. L. (Orgs.). **Dialogismo, polifonia, intertextualidade: em torno de Bakhtin.** São Paulo: EDUSP, 2006a, p. 83-101.

_____. **Introdução ao pensamento de Bakhtin.** São Paulo: Ática, 2006b.

GARCIA, O. R. Z; MINELLA, L. S.; GROSSI, M. P. Vida Sexual de Mulheres Heterossexuais: Uma Abordagem de Gênero. In: GROSSI, M. P.; LAGO, M. C. S; NUERNBERG, A. H. (Orgs.). **Estudos In(ter)disciplinados: Gênero, Feminismo, Sexualidade.** Florianópolis: Mulheres, 2010. p. 307-343.

HUNT, L. **A invenção dos direitos humanos: uma história.** São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

KOZINETS, R. Netnografia: realizando pesquisa etnografica online. Penso: 2010.

MACHADO, I. Gêneros discursivos. In: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin: conceitos chaves.** 5. ed. São Paulo: Contexto, 2012, p. 45-97.

MOITA LOPES, L. P. **Identidades fragmentadas: a construção discursiva da raça, gênero e sexualidade em sala de aula.** Campinas - SP: Mercado de Letras, 2002.

MARCUSCHI, L. A. **A questão do suporte dos gêneros textuais.** Disponível em: <<http://bbs.metalink.com.br>>. Acesso em: 22/08/2017.

PORTO, C.; SANTOS, E. O. (Orgs.). **Facebook e educação: publicar, curtir, compartilhar.** Campina Grande: EDUEPB, 2014.

MOTTA-ROTH, D; HENDGES, G. H. **Produção textual na universidade**. São Paulo: Parábola, 2010.

NASCIMENTO, E. P. Gêneros jornalísticos na sala de aula: desenvolvendo habilidades leitoras. In: PEREIRA, R. C. M. **Ações de linguagem: da formação continuada à sala de aula**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2010, p. 56-87.

Origem Da Palavra - Site de Etimologia. Disponível em: <<http://origemdapalavra.com.br/site/>>. Acesso em: 20 set.2017.

PINHEIRO, P. A. **Bakhtin e as identidades sociais**: uma possível construção de conceitos. São Leopoldo: Rio Grande do Sul, 1997, p. 15-67.

PORTAL AS MADALENAS. Disponível em: <<http://portalmadalenas.com.br/>>. Acesso em: 10 set.2017.

POSSENTI, S. **Questões para analistas do discurso**. São Paulo: Parábola, 2010.

RODRIGUES, R. H. Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem: a abordagem de Bakhtin. In: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTAROTH, D. (Orgs.). **Gêneros**: teorias, métodos, debates. São Paulo: Parábola, 2006, p. 152-183.

ROJO, R. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola, 2009.

SILVA, A. P. P. F. Bakhtin. In: OLIVEIRA, L. A. (Org.). **Estudos do discurso**: perspectivas teóricas. São Paulo: Parábola, 2013, p. 45-69.

SOBRAL, A. **Do dialogismo ao gênero**: as bases do pensamento do Círculo de Bakhtin. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2009.

VOLOSHINOV, V. N. **A estrutura do enunciado**. 1930. Tradução de Ana Vaz, para fins didáticos, com base na tradução francesa de Tzevan Todorov (*“La structure de l'énoncé”*), publicada em Tzevan Todorov, *Mikhail Bakhtin – Le prince dialogique*. Paris, Seuil, 1976.

WACHOWICZ, T. C. **Análise linguística nos gêneros textuais**. Curitiba: IBpex, 2010.

XAVIER, M. M.; FRANCELINO, P. F. “Forbes destaca pastores mais ricos do Brasil”: réplicas a enunciados concretos. In.: **Revista Letras Raras**. Disponível em: <http://revistas.ufcg.edu.br/ch/index.php/RLR/article/view/227>
Acesso em: 27/09/2016.